



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CURSO DE FILOSOFIA**

**MARIA SELMA ARAÚJO**

**O AMOR NA CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA**

**CAMPINA GRANDE**

**2011**

**MARIA SELMA ARAÚJO**

**O AMOR NA CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

**CAMPINA GRANDE**

**2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A663a

Araújo, Maria Selma.

O amor na Correspondência de Abelardo e Heloísa  
[manuscrito]: /Maria Selma Araújo.

– 2011.

52 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)  
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,  
2011.

“Orientação: Profa. Dr. Maria Simone Marinho Nogueira,  
Departamento de Filosofia”.

1. Amor 2. Correspondência 3. Idade Média I. Título.

21. ed. CDD 212.7

MARIA SELMA ARAÚJO

**O amor na Correspondência de Abelardo e Heloísa**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em 2 de Novembro de 2011.

**Banca examinadora**

Maria Simone Marinho Nogueira

Profa. Dr. Maria Simone Marinho Nogueira – UEPB  
Orientadora

Silvânia Karla de Farias Lima

Profa. Ms. Silvânia Karla de Farias Lima – UEPB  
Examinadora

Francisco Diniz de Andrade Meira

Prof. Ms. Francisco Diniz de Andrade Meira – UFPB  
Examinador

Dedico este trabalho ao Principium – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval/UEPB.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, irmãos e irmãs, especialmente as minhas irmãs Maria Salomé Araújo, Maria Salete de Araújo e Maria Nazareth de Araújo e a minha mãe Maria de Lourdes S. Fidélis, por me apoiarem moralmente e financeiramente.

À minha orientadora Professora Dra. Maria Simone Marinho Nogueira. Meus singelos agradecimentos pela sua paciência, pela sua compreensão e disposição para atender-me nos momentos que necessitei para elaboração desta pesquisa.

Ao professor Ms Francisco Diniz Meira, a Professora Ms Silvânia Karla de Farias, a Professora de Metodologia Científica Ms. Francisca Luseni Machado e demais professores do Curso de Licenciatura em Filosofia da UEPB.

Às minhas amigas Antônia Mayara, Márcia Fernanda e Kiara Marinheiro, pela ajuda nas minhas crises existenciais, pelo apoio e por me deixarem participar de seu mundo.

Por fim, à turma do 3º ano da noite, na qual fui monitora do Componente Curricular Língua Latina durante o período de 2010.2, pela consideração e demonstração de afeto.

*“Nem o respeito de Deus, nem nosso amor, nem os exemplos dos santos padres puderam te decidir a sustentar, de viva voz ou por carta, minha alma vacilante e constantemente afligida de dor! E não obstante sabes que laço nos prende e te obriga, e que o sacramento nupcial te une a mim, de uma maneira tanto mais estreita porquanto sempre te amei, diante do mundo, de um amor sem medida”.*

*(Heloísa, epístola I)*

*“Não há amor maior que dar sua vida por aqueles que se ama’. É ele que te amava verdadeiramente, e não eu. Meu amor, que nos arrastou a ambos no pecado, chamemo-lo de concupiscência, não de amor. Eu aliviava em tí minhas miseráveis paixões: eis tudo que eu amava!”*

*(Abelardo, epístola IV)*

## RESUMO

No presente trabalho objetivamos refletir sobre o amor na *Correspondência* de Abelardo e Heloísa. Antes disso, fazemos um percurso pela História da Filosofia Antiga e Medieval, em busca de conceitos sobre o amor na concepção de alguns pensadores que refletiram acerca deste tema. Assim, no primeiro capítulo tratamos sobre o amor e a filosofia. Nele vemos a definição de amor na visão de Platão e Aristóteles; na Idade Média tomamos nota sobre o amor na concepção de Agostinho e São Bernardo de Claraval. Também, buscamos tratar sobre o amor cortês e o casamento no período Medieval. No segundo capítulo refletimos acerca da *Historia Calamitatum* e sobre a autenticidade da Correspondência de Abelardo e Heloísa. No terceiro e último capítulo, traçamos algumas linhas sobre Heloísa e em seguida abordaremos sobre Heloísa e o amor-paixão, Abelardo e o amor divino, mostrando os argumentos destes amantes sobre seus sentimentos. Assim, percebemos que o drama de amor de Abelardo e Heloísa foi marcado por aventuras amorosas da qual envolveu a atração, a sedução, o flagrante deste amor proibido, a separação, logo em seguida a gravidez de Heloísa, o casamento secreto, a castração de Abelardo e a entrada na vida monástica de ambos.

**Palavras – chave:** Amor. Abelardo. Heloísa. Correspondência. Idade Média

## RESUMÉ

Dans cette étude nous réfléchissons sur l'amour dans les Lettres d'Abélard et d'Héloïse. Avant cela, nous y analysons au travers l'Histoire de l'Ancient et Médiévale Philosophie, à la recherche de concepts sur l'amour dans la conception de certains penseurs qui ont réfléchi sur ce thème. Donc, le premier sujet abordé sera l'amour et la philosophie. Nous y cherchons la définition de l'amour à la perspective de Platon et Aristote. Au Moyen Age, nous prenons les observations sur le concept d'amour chez Augustin et de Saint Bernard de Clairvaux. Nous cherchons aussi l'amour courtois et le mariage dans la période médiévale. Dans le deuxième sujet, nous réfléchissons sur la Historia Calamitatum et l'authenticité de la correspondance d'Abélard et d'Héloïse. Dans le troisième et dernier sujet, nous discutons de l'amour, la passion et Héloïse, Abélard et l'amour divin, en montrant les arguments de ces amoureux et de leurs sentiments. Alors, nous voyons que la tragédie d'Abélard et d'Héloïse a été marquée par les aventures amoureuses qui impliquait l'attaction, la séduction, le frappant de cet amour interdit, la séparation, et la grossesse d'Héloïse, le mariage secret, la castration d'Abélard et leurs entrées dans la vie monastique.

**Mots clés:** Amour. Abélard. Héloïse. Correspondance. Moyen Age.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. O AMOR E A FILOSOFIA.....</b>	<b>13</b>
1.1 O amor na antiguidade.....	13
1.2 O amor na Idade Média.....	17
1.3 O amor cortês e o casamento.....	22
<b>2. A HISTÓRIA DE AMOR DE ABELARDO E HELOÍSA.....</b>	<b>26</b>
2.1 Uma reflexão acerca da Historia Calamitatum de Pedro Abelardo.....	26
2.2 Introdução à Correspondência de Abelardo e Heloísa.....	35
<b>3. A TRANSFORMAÇÃO DO AMOR DE ABELARDO E HELOÍSA.....</b>	<b>39</b>
3.1 Heloísa (1101-1164).....	39
3.2 Heloísa e o amor – paixão, Abelardo e o amor- divino.....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

Antes de nos determos em nossa pesquisa sobre a história de amor de Pedro Abelardo e Heloísa, gostaríamos de levantar algumas considerações sobre o amor, pois verificamos que há uma necessidade de compreendermos o que é o amor de uma forma geral para entendermos a história de amor vivida pelo filósofo e por Heloísa. Entretanto, falar do amor não é tão fácil quanto se pensa e em filosofia muito menos. Além disso, é raro encontrarmos obras filosóficas que versem sobre o amor. É mais fácil o encontrarmos na poesia, na literatura e nas canções o que nos leva a pensar que o amor seria “no máximo motivo de distração para literatos”.<sup>1</sup>

Sabemos que o amor não é uma obstinação da filosofia, afinal, para a maioria dos filósofos ele não é objeto de discussão. Parece haver uma recusa da racionalidade a toda a forma de amor, talvez por ele ser mostrado como irracional. Assim, imagina-se que o amor não é pensado e sim sentido, já que está relacionado à emoção e não à razão. Se analisarmos bem este pensamento, notaremos que se o amor fosse refletido racionalmente não existiriam desilusões, sofrimentos, preocupações e infortúnios na vida do ser humano. No entanto, apesar de ser um sentimento e, por isso, estar ligado às emoções, não significa que ele não possa ou não deva ser pensado do ponto de vista filosófico.

Logo, se o buscarmos em algumas obras filosóficas, verificaremos que este tema é aludido, mesmo que seja dedicado a ele poucas linhas e páginas, pois

[...] ao longo de muitos séculos da história do pensamento, não houve nenhum filósofo que não tenha manifestado interesse por esse assunto; aliás, algumas páginas dedicadas ao amor alcançam os níveis mais altos da literatura filosófica de cada época, demonstrando assim a íntima adequação deste tema de reflexão à própria índole do processo do pensar filosófico<sup>2</sup>.

Ademais, mesmo que o amor pareça irracional não deixa de se constituir em um elemento essencial das experiências humanas e que suscita em nós dolorosas e penosas inquietações quanto a suas implicações e quem o segue, sente o seu fascínio, por ser um sentimento muito belo, já que é capaz de mover os homens.

Se não é fácil falar do amor em si, talvez falar do amor entre duas pessoas de uma época anterior a nossa seja mais simples e menos complexo. Neste sentido, buscamos versar sobre a história de amor entre o filósofo Pedro Abelardo e a jovem Heloísa. Uma história dramática, cercada de paixão, separação e de um casamento mal sucedido. Entretanto, antes

---

<sup>1</sup> Cf. LANCELIN e LEMONNIER, 2008, p.8.

<sup>2</sup> SCHOEPFLIN, 2004, p.9.

de tratarmos deste drama de amor, iremos “passear pelo tempo” em busca do que é o amor para alguns dos principais filósofos que abordaram este tema.

Assim, o objetivo do primeiro tópico, “O amor e a filosofia”, é traçar de modo breve a concepção de amor de alguns filósofos. Nossa pesquisa começa pelos pensadores mais importante da Filosofia Antiga, Platão e Aristóteles. Em Platão (428/427-347 a.C) utilizaremos alguns fragmentos da sua obra *O Banquete* (Symposium) para mostrarmos que para este filósofo o amor – *Eros* – é falta, insuficiência e necessidade. *Eros* é o desejo de ter aquilo que não se possui, é o amor à beleza, ao bem e à verdade.

Em contraste com o *Eros*, existe outro tipo de amor, *philia* (amizade). Esta aceção encontramos em Aristóteles (384/383-322 a.C) no capítulo VIII e IX da obra *Ética a Nicômaco*. Aristóteles nos mostra que através da *philia* as pessoas são mais capazes de agirem bem e de pensarem em benefício do outro ou de si próprio, e que tanto na amizade quanto no amor deve existir entre uma pessoa e a outra o sentimento de reciprocidade e de desinteresse.

Dentre os filósofos da Idade Média, optamos por mostrar a concepção de amor de Santo Agostinho (354-430), cuja teoria influencia o pensamento de vários autores medievais cristãos, e também discorreremos sobre a concepção de amor de Bernardo de Claraval (1090-1153). Para Santo Agostinho o amor está presente em todos os seres humanos e que é a força que movimenta o nosso comportamento, sendo o único “capaz de explicar a vida da alma e sua possibilidade de se elevar ao conhecimento unitivo de Deus”<sup>3</sup>. Em São Bernardo de Claraval vamos encontrar os graus pelos quais *Deus há de ser amado*. Para ele, o amor é a maior força da vida espiritual, logo “Deus há de ser amado por Ele mesmo em base a uma dúplici razão: porque nada mais de mais justo e nada de mais vantajoso pode ser amado”.<sup>4</sup>

Concluiremos este tópico expondo algumas considerações acerca do amor cortês. Este era uma relação entre um cavaleiro jovem e uma dama casada que surgiu no século XII nas cortes medievais. A característica mais marcante desta relação era a submissão do homem à mulher. Neste jogo, o cavaleiro por amor se submetia à dama e agia sempre com moderação para não corromper a reputação da sua senhora. Além disso, existiam códigos secretos entre ambos além da discrição.

O segundo tópico, “A história de amor de Abelardo e Heloísa”, tem como objetivo refletir sobre a *Historia Calamitatum*, uma autobiografia de Abelardo, onde ele escreve a um

<sup>3</sup> Cf. AGOSTINHO apud SCHOEPLIN, p.16.

<sup>4</sup> BERNARDO, cap. I, 1, p. 9.

amigo contando-lhe todas as suas infelicidades, desde suas desavenças com seus declarados inimigos até o encontro com Heloísa. Noutro ponto faremos uma introdução à correspondência de Abelardo e Heloísa. Aqui mostraremos quantas cartas foram trocadas entre ambos e discutiremos a sua veracidade, pois existem algumas discussões sobre a autenticidade destas cartas. Apontaremos, então, as opiniões de alguns estudiosos no assunto para mostrarmos as suas conclusões acerca da autenticidade da Correspondência.

De antemão, informamos o fato das cartas serem verídicas ou não pouco importa, como afirma Zumthor, já que, continua “narração fictícia ou confissão autobiográfica, o texto traz seu próprio sentido, engendrado nesse lugar utópico em que ressoam os ecos de um mundo ( o dos séculos XII e XIII) contra o qual ele se constrói, assimilando-o.”<sup>5</sup>

Assim, chegaremos ao cume da nossa pesquisa no terceiro tópico, “A transformação do amor de Abelardo e Heloísa”, cujo objetivo é “mergulhar” literalmente nesta história de amor e mostrar quão bela e dramática foi o encontro destes amantes. Um encontro da sublimação do amor, onde o amor carnal se transforma em amor *Ágape*<sup>6</sup>. Dedicaremos umas poucas linhas para falarmos de Heloísa e depois discorreremos sobre o amor mostrando alguns dos argumentos de Heloísa e de Abelardo.

Durante todo o processo de leitura da *Correspondência de Abelardo e Heloísa*, é notória a transformação do amor de Abelardo para com Heloísa. No primeiro instante ele a seduz e se deixa seduzir, depois, com a descoberta deste amor proibido, ele se afasta, mas nem por isso deixa de amá-la, todavia de um amor diferente. O encanto de Abelardo por Heloísa não foi apenas por ela ser letrada nem pela glória que a mesma possuía, mas também porque Heloísa era “bastante bonita e a extensão de sua cultura tornava-a uma mulher excepcional”<sup>7</sup>. Para Gilson, “tudo isso concorria para torná-la uma vítima designada aos olhos de Abelardo”.<sup>8</sup>

Portanto, para que tenhamos êxito em nossa pesquisa, além da *Correspondência de Abelardo e Heloísa*, obra principal do nosso estudo que tem o prefácio de Paul Zumthor, destacaremos algumas obras de comentadores, dando ênfase para Etienne Gilson com a obra *Heloísa e Abelardo*, onde o mesmo comenta desde a origem desta história de amor até o fim e mostra-nos a sua visão acerca da autenticidade das cartas. Como suporte para entendermos o

<sup>5</sup> Cf. ZUMTHOR, **Prefácio a Abelardo e Heloísa**, 2000, p.5.

<sup>6</sup> Termo grego *αγάπη* amor cristão, traduzido pelos latinos por *caritas* – caridade outro sinônimo para o amor. Primamos por não utilizar este termo *caritas* por ter se tornado tão pejorativo na contemporaneidade como sinônimo de esmola. Mas que na verdade significa amor afetivo isento de desejos sexuais, isento de segundas intenções e de interesses pessoais.

<sup>7</sup> **Historia Calamitatum**, 2000, p. 39.

<sup>8</sup> GILSON, Etienne. **Heloísa e Abelardo**. Tradução de Henrique Ré. São Paulo; EDUSP, 2007. (p.33)

que é o amor de maneira geral, usaremos alguns ensaios acerca deste tema e também outras obras de alguns teóricos do amor.

## 1 O AMOR E A FILOSOFIA

Segundo Aude Lancelin e Marie Lemonnier, a filosofia e o amor parecem não se dar bem, “dormem em quartos separados, pelo menos desde os tempos modernos”<sup>9</sup>. O amor, sentimento belo e nobre, é relegado pela contemplação filosófica, pois encontramos mais profundidade acerca do tema nas canções, na poesia e na literatura que nos filósofos. Mas, mesmo com essa desunião, aparentemente, entre o amor e a filosofia, constatamos que este tema ao longo da história do pensamento, desde a antiguidade até os nossos dias, não foi deixado ao acaso pelos filósofos, ou seja, não deixou de ser aclamado, mesmo que a ele fosse dedicado poucas páginas.

De acordo com Maurizio Schoepflin “algumas páginas dedicadas ao amor alcançaram os níveis mais alto da literatura filosófica de cada época, demonstrando assim a íntima adequação deste tema de reflexão à própria índole do processo do pensar filosófico.”<sup>10</sup> Por isso que dedicaremos, antes de “debruçarmos” em nosso objeto de estudo um capítulo sobre o amor desde a antiguidade até o medievo.

Portanto, vamos iniciar nossa pesquisa mostrando a concepção de amor primeiro pela Filosofia Antiga com Platão e Aristóteles e findamos nossa “viagem” na Filosofia Medieval com Agostinho e São Bernardo de Claraval. Trataremos também, do amor cortês e do casamento na Idade Média.

### 1.1 O amor na Antiguidade

É sabido que o berço da filosofia foi o Ocidente, na Grécia Antiga, sendo lá também que surgiu o primeiro tratado sobre o amor, *O Banquete* de Platão. Esta obra é um diálogo entre Sócrates e seus interlocutores, onde cada um deles mostra suas opiniões sobre *Eros* – amor. O núcleo principal do *Banquete* são os sete discursos acerca do deus *Eros*, o deus do amor.

Na primeira parte do diálogo são apresentados cinco discursos sobre *Eros*, o de Fedro, Pausânias, Aristófanes, Erixímaco e Agatão, poeta trágico que ofereceu o banquete. Na segunda parte do diálogo irrompe o discurso de Sócrates que faz uma reprodução da emblemática história de Diotina de Mantinéia. O filósofo diz aos seus ouvintes que foi instruído por ela nas questões de amor.

<sup>9</sup> Os filósofos e o amor, 2008, p.7.

<sup>10</sup> O amor segundo os filósofos, 2004, p.9.

Sócrates, então, expressará sua maneira de apreciar o amor diferentemente dos outros interlocutores que, nos seus discursos sobre o amor, o adornam com todos os bens e todas as belezas. Mas Sócrates julga ser o amor uma privação, um desejo e sendo assim não condiz com o que é perfeito e belo, além disso, ele enfatiza que o amor tem por função a criação da virtude através da beleza.

Pela boca de Sócrates, Diotina diz que o Amor não é um deus, não é uma divindade, mas “um intermediário entre os deuses e os mortais [...] *Eros* é um *daimonion*”.<sup>11</sup> Devido a sua origem, o amor, por ser filho de Penia – pobreza e de Poros – recurso, é sempre pobre, não é belo nem tampouco delicado, como pensa a maioria das pessoas, mas ao contrário, é árduo, austero, anda descalço e não tem lar, é um desabrigado, deita-se no chão sem cobertas e dorme ao relento perante as portas e nas ruas. *Eros* possui a natureza da mãe e está frequentemente passando por necessidade, ou seja, o amor é carente. Não obstante, por ter a natureza de Poros, *Eros* é astucioso em relação ao que é belo e bom, é corajoso, decidido e agressivo, é um caçador terrível e sempre está a tecer maquinações, é um perigo constante para os homens. *Eros* insaciável pelo saber é dotado de recursos e busca o conhecimento por toda a vida, ele é um mago, feiticeiro e um sofista.

Assim, podemos entender que *Eros* por ter tanto a natureza da mãe quanto do pai ora é carente ora é abastado. Quando enriquece germina e vive, morre e ressuscita e no momento em que consegue algo, este algo sempre lhe escapa entre os dedos, e deste modo o Amor não empobrece e nem enriquece e é o intermediário entre a sabedoria e a ignorância. Por isso, *Eros* deve ser filósofo já que “a sabedoria é uma das coisas mais belas, e *Eros* é amor ao belo.”<sup>12</sup>

Sócrates assevera a seus ouvintes que “se o desejo é ‘desejo de alguma coisa’ e só desejamos o que não temos”, então estão errados aqueles que ornamentam o amor com todos os bens e todas as belezas. E que o erro “resulta de considerarmos o amor como o que é amado e não como o que ama’. Compreender o amor é finalmente investigar não por que o amamos, mas por que amamos”<sup>13</sup>.

Ademais, em seu discurso, Sócrates diz que os homens começam por amar a beleza dos corpos, mas percebem que há uma beleza que transcende a beleza física por ser mais sublime e louvável, a beleza da alma que é dirigida ao que é imutável e eterno. E tanto no que

<sup>11</sup> PLATÃO. **O Banquete**. [pdf]. Disponível em: <http://www.livrosgratis.net/download/358/o-banquete--platao.html> Acesso em 29 de Agosto de 2011.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Cf. LANCELIN e LEMONNIER, 2008, p.20.

diz respeito ao corpo quanto no que se refere à alma o amor é um parto da beleza, diz o filósofo<sup>14</sup>. Assim também, o descreve um teórico do tema:

“delírio divino”, arrebatamento da alma, loucura e suprema razão. Por conseguinte, o amante está junto do ser amado “como no céu”, pois o amor é a vida que ascende por degraus de êxtase para a origem única de tudo o que existe, longe dos corpos e da matéria, longe do que divide e distingue, para além da infelicidade de ser o que se é e de ser dois no próprio amor.<sup>15</sup>

Resumindo, o amor na concepção platônica é falta, insuficiência e necessidade. *Eros* é o desejo de ter aquilo que não se possui, ou seja, só poderemos desejar o objeto do amor quando este nos falta e não quando já o possuímos, pois não desejamos aquilo que não necessitamos mais. O que nós amamos, de acordo com Platão, é somente aquilo que não temos e se alguém ama a si mesmo, ama o que não é. Assim, o artefato do amor sempre está distante, contudo sempre é requerido. Assim sendo, “o amor significa a disposição para elevar-se em busca do que é eterno, perfeito e imutável”<sup>16</sup>. *Eros* é o amor à Beleza, ao Bem e à Verdade.

Em contraste com o *Eros* platônico, existe outro tipo de relação que não envolve necessariamente o amor erótico ou a atração física. É a *philia*, amor da amizade. A *philia* está vinculada a *affectus*, ou seja, existe uma afinidade e afeição entre as pessoas que se relacionam mutuamente. Segundo David Konstan<sup>17</sup>, a forma *philia* abrange diversos tipos de relacionamentos do que simplesmente amizade, o que inclui o amor entre parentes e a afeição ou solidariedade entre associados relativamente distantes.

Deste modo, conforme Konstan<sup>18</sup> podemos encontrar uma abordagem mais extensa de *philia* nos escritos de Aristóteles, notadamente em seus tratados éticos: *Ética a Nicômaco* e *Ética a Eudemo*. Na *Ética a Eudemo*, Aristóteles afirma que “o que é amado é caro àquele que ama, mas alguém que é amado e ama em retribuição é um amigo” (7.2, 1136b3-5)<sup>19</sup>. Isto quer dizer que o amor entre amigos sugere a reciprocidade e a afeição mútua sempre preocupada com o bem estar.

No capítulo VIII e IX da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles afirma que através da *philia* “as pessoas são mais capazes de agir e de pensar”. E que tanto na amizade quanto no amor

<sup>14</sup> PLATÃO. *O Banquete*. s/p. [pdf].

<sup>15</sup> ROUGEMONT, 1988, p.48.

<sup>16</sup> PLATÃO. *O Banquete*. s/p [pdf].

<sup>17</sup> *A amizade no mundo clássico*, 2005, p.12-13.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p.97

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.81.

deve existir entre uma pessoa e outra o sentimento de reciprocidade e de desinteresse. Pois quem ama deseja o bem do outro e vice-versa. Assim, nas palavras de Konstan:

Um sinal de amizade é uma disposição de prestar ajuda ao outro. Deixar de oferecer ajuda em uma crise é entendido como uma falta da boa vontade que caracteriza a verdadeira amizade. Dessa maneira, pode-se dizer que a amizade depende não apenas de sentimentos e intenções, mas de atos: o que conta é o que fazemos por um amigo, pois isso é o indício mais claro de devoção<sup>20</sup>.

Para Aristóteles a amizade é tão necessária quanto nobre, pois são louváveis os homens que amam os seus amigos e quando desejam boas coisas para um amigo em consideração dele próprio tem boa vontade, mesmo que não ocorra a reciprocidade por parte do outro, pois a boa vontade de quem a sente mutuamente é *philia*.

Podemos observar que Aristóteles ao longo do seu discurso postula três origens de *philia*: utilidade, prazer e caráter. É a partir destas qualidades que surge a *philia* ou é por causa delas e é deste modo, distinto da vantagem mútua, prazer ou até mesmo respeito.<sup>21</sup> Neste sentido, quando a amizade é por interesse, amamos o outro devido a sua utilidade, porque sempre visamos um bem que desejamos receber um do outro, não amamos um ao outro por si próprio. Além disso, as pessoas que amam por interesse amam a si mesmo.

As pessoas que amam por prazer amam em benefício do que lhe é agradável e não porque o outro é a pessoa amada, mas porque ela útil e agradável. Ou seja, amamos o outro devido a sua utilidade e ao mesmo tempo amamo-lo por que ele nos agrada. Quando amamos uma pessoa a amamos não pelo o que ela é, mas pela razão dela nos proporcionar algum bem ou prazer, isto caracteriza o que Aristóteles denomina de amizade por acidente e são fáceis de serem desfeitas.

Segundo Konstan<sup>22</sup> citando Aristóteles, estas três qualidades acima citadas poderão existir no casamento, visto que “o amor relacionado ao casamento é tanto útil quanto prazeroso, e pode até mesmo ser baseado na consideração às virtudes mútuas, se ambos forem bons, uma vez que homens e mulheres têm cada um sua excelência específica”. Neste sentido, quando observamos a relação entre o amante e o amado notamos que um sempre se queixa do outro. O amante queixa-se que seu excesso de amor não é retribuído na mesma dimensão, enquanto que o amado reclama do amante que no começo da relação lhe prometia o “céu e a terra” e que agora não cumpre nenhum de seus juramentos.

---

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, 2008, Livro VIII.

<sup>22</sup> **A amizade no mundo clássico**, 2005, p.102.

Isso acontece porque o amante ama o amado tendo em vista o prazer que este lhe proporciona, ao passo que o amado ama o amante somente visando ao que útil, como também, tem prazer em ser cortejado pelo amante. Segundo Aristóteles <sup>23</sup> para os amantes o que lhes causa maior prazer é a visão do ser amado e dão preferência a esse sentido do que aos outros porque é nele que reside tanto a existência como a causa do amor

Enfim, podemos compreender que se a amizade tem como finalidade o prazer e a utilidade, ela se desvanece quando as pessoas não obtêm as coisas que compunham as razões de seu amor, pois nenhuma delas amava o outro por si mesmo, mas apenas amava as suas qualidades não duradouras e efêmeras. O que constitui uma verdadeira amizade é aquela que se baseia no caráter das pessoas e é mais duradoura, posto que amamos o outro pelo o que ele é, e não porque ele nos é útil ou causa algum deleite <sup>24</sup>. O amor para Aristóteles, segundo Abbagnano, “é uma afeição, isto é, uma modificação passiva, enquanto a amizade é um hábito, uma disposição ativa” <sup>25</sup>.

Nas palavras de Aristóteles concluímos a exposição sobre o amor na antiguidade dizendo que:

Ninguém ama se de início não se encantou com a forma do ser amado, embora o fato de alguém se deleitar com a figura de uma pessoa não signifique que Ele a ame, para isso é preciso que sinta a sua falta quando está ausente e que almeje a sua presença. <sup>26</sup>

Passamos agora a tratar do amor na Idade Média, enfocando a concepção de amor de Santo Agostinho e de São Bernardo de Claraval.

## 1.2 O amor na Idade Média

*Permitam-me ainda, neste âmbito preliminar, manter-me no registro de um pouco a brincar um pouco a sério, e colocar logo de chofre uma pergunta: Será que havia amor na Idade Média? Será que se amava nesses “tempos sombrios”? Afinal, a Idade Média não é aquele mar de trevas, com o cortejo dos seus apocalípticos horrores, as invasões, o obscurantismo e a bestialidade das procissões dos auto-flagelantes, a brutalidade, a pobreza extrema e esgazeada, a caça às bruxas, as cruzadas, a inquisição? Enfim, em três palavras: a Peste, a Fome e a Guerra? <sup>27</sup>*

<sup>23</sup> **Ética a Nicômaco**, 2008, p.215.

<sup>24</sup> Cf. ARISTÓTELES, 2008, p.195.

<sup>25</sup> **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA**, Verbetes amor, 2007, p.40. [pdf]

<sup>26</sup> **Ética a Nicômaco**, 2008, p. 203

<sup>27</sup> ROSA, José Maria Silva. **A Transfiguração Espiritual do Amor Cortês em Bernardo de Claraval**. Coleção: Artigos LusoSofia. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2010, p.5. [pdf]

É absolutamente curioso pensar que na Idade Média não existiu este valoroso sentimento, o amor. Que só houve “trevas”, guerras, um período sem luz, sem pensamento filosófico entre outras querelas. Muitos dão um salto da antiguidade, por assim dizer, à modernidade no que concerne a produção filosófica, isto porque “há uma ilusão ou um preconceito muito recorrente no modo como nos referimos ao passado, pré-juízo que, no caso vertente da Idade Média, se acentua de modo peculiar”<sup>28</sup>.

Podemos pensar que isto se deve ao fato também, de que o período Medieval foi dominado pela Igreja e a maioria dos pensadores medievais serem padres<sup>29</sup>. Mas, o que falar de Santo Agostinho, de Pedro Abelardo entre outros que produziram não apenas obras teológicas, mas também filosóficas? Com temas que muitos filósofos modernos “beberam” desta fonte. Aqui façamos nossas as palavras de Rosa:

apetece-me aplicar aqui a afirmação de Alberto Magno, no séc. XIII, zurzindo os seus confrades dominicanos que o acusavam de dar demasiada importância aos saberes árabes, às ciências da natureza e à filosofia: “Bestas brutas que blasfemam aquilo que desconhecem!”<sup>30</sup>

Assim, veremos que no que concerne ao tema amor, os filósofos cristãos buscaram refletir sobre o mesmo exaltando-o e direcionando-o a Deus. Santo Agostinho foi um dos pensadores a falar do amor e sua concepção acerca do mesmo influenciou alguns filósofos da sua época. Antes da conversão, Agostinho vivia na *concupiscentia*<sup>31</sup>. Diz ele que ao chegar a Cartago foi cercado pelo “ruidoso fervilhar dos amores ilícitos. Ainda não amava, e já gostava de ser amado”. Procurando satisfazer seus desejos de amor, buscou um objeto para esse amor e que lhe saciasse a fome de alimento interior. Para Santo Agostinho era mais afetuoso amar e ser amado se ele pudesse gozar do corpo da pessoa amada e assim ele denegria as fontes da amizade com a sordidez da concupiscência e alterava a inocência delas com a espuma infernal das paixões<sup>32</sup>. E de acordo com Fr. Rogério Gomes:

A grande culpa de Agostinho está no fato de que ele se desvia do caminho da virtude, num determinado momento em sua vida. Em outras palavras, o seu grande conflito se dá porque “não há possibilidade de se fugir perante a consciência”. Entrega-se de corpo e de alma e daí afirmar: “quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores!”. Ora, nesse sentido o ser amado passa a ser visto somente como objeto que proporciona prazer. Há

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Referimo-nos, naturalmente, ao Ocidente Cristão.

<sup>30</sup> ROSA, 2005, p.5.

<sup>31</sup> Segundo Frei Rogério Gomes “a concupiscência é o caráter exagerado de prazer que degrada o ser que ama e o ser amado. Ela é a decorrência da ambigüidade do ser, ou seja, o ser objetifica e torna-se objeto. Em outras palavras: objetifica porque faz do outro objeto de prazer e torna-se objeto do “amor cupiditas”, da vontade própria”. **O amor em Santo Agostinho, antes de sua conversão.** [pdf]

<sup>32</sup> CONFISSÕES, 1984, Livro III, Cap. 1 p. 61.

somente o prazer corporal desvencilhado da alma e um estranhamento das duas vontades: a do corpo que quer o amor-prazer e da alma que quer amar profundamente o ser humano na sua totalidade.<sup>33</sup>

Este tipo de amor, a inclinação para as coisas terrenas e materiais, é para Agostinho um falso amor, pois tudo isto está preso ao que é mundano, a isso ele denominou de *cupiditas* – *cobiça* que se opõe ao amor casto que possui anseio ao que é eterno e na felicidade eterna o amor que existe para Agostinho é chamado de *charitas* - *caridade*.<sup>34</sup>

Após a conversão, Santo Agostinho ao ler as Escrituras deparou-se com a máxima joanina “Deus amor est” (1Jo 4,8 ) e mudou a sua perspectiva acerca do amor e concebeu “que o amor fraterno que ligaria uma pessoa à outra, na realidade, une também a pessoa a Deus, porque Deus é substancialmente o amor do qual o homem participa ao amar o seu irmão”<sup>35</sup>, ou seja, amar ao próximo para amar a Deus. Assim, conforme Agostinho, temos o obrigação de amar o próximo como a nós mesmos, posto que o homem é a imagem e semelhança de Deus. Isso quer dizer que amando o próximo, estamos amando o próprio Deus, porque “Deus significa amar o Amor; mas, diz Agostinho, ‘não se pode amar o Amor se não se ama quem ama’. Não é Amor o que não ama ninguém. Por isso, o homem não pode amar a Deus, que é o Amor, se não amar o outro homem”. (De Trinit. VIII, 12).<sup>36</sup>

Mas o que é necessário para que haja amor? Para Santo Agostinho é conhecer. Posto que “todo desejo de saber e todo esforço de conhecer é uma espécie de amor” (De Trinit. IX, 12, 18; 972)<sup>37</sup>. Assim, é impossível amar o outro sem conhecê-lo, não se pode amar o desconhecido. Agostinho admite este fato: “*nam quod quisque prorsus ignorat, amare nullo pacto potest*” (De Trinit. X, 1; 971 s.)<sup>38</sup>. Neste sentido, parafraseando Gomes, busca-se inicialmente conhecer o que não se conhece, revelando-o e em seguida busca-se fazer parte do seu universo, visto que aquilo que não conhecemos sempre nos gera temor e é a partir da superação do temor, pelo conhecimento do ser desconhecido que se principia a amar. Assim, o amor é conhecimento de si mesmo e do outro.<sup>39</sup>

Deste modo, findamos o pensamento agostiniano acerca do amor elucidando um preceito deixado por ele: “Ame e faça o que quiser; quer você se cale, cale-se por amor; quer

<sup>33</sup> GOMES, Fr. Rogério. **O amor em Santo Agostinho, antes de sua conversão**. Artigo. [pdf].

<sup>34</sup> Observamos que hoje em dia o termo caridade é um conceito incerto ou excessivamente reducionista e sempre é associado ao assistencialismo, tendo o sentido de esmola.

<sup>35</sup> Cf. SCHNEIDER, Paulo. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. [pdf] Disponível em: [http://www.mundofilosofico.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=26:conceitoamor&catid=3:filosofia&Itemid=2](http://www.mundofilosofico.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=26:conceitoamor&catid=3:filosofia&Itemid=2) <Acesso em 29 de Agosto de 2011>.

<sup>36</sup> Apud ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**, 2007, p.41

<sup>37</sup> Apud BOEHNER, P. e GILSON, E. **História da filosofia cristã**, p. 165.

<sup>38</sup> “De fato, aquele que absolutamente desconhece, de forma alguma pode amar.” (Tradução nossa)

<sup>39</sup> GOMES, Fr. Rogério. **O amor em Santo Agostinho, antes de sua conversão**. [pdf]

fale, fale por amor; quer corrija, corrija por amor; quer perdoe, perdoe por amor; esteja em você a raiz do amor, porque desta raiz não pode proceder outra coisa a não ser o bem”<sup>40</sup>.

Ainda direcionando o foco sobre o amor na Idade Média, encontramos na mística medieval um dos seus fundadores, São Bernardo de Claraval (1091 – 1153). É um homem de ação e condutor extraordinário dos homens, um sábio religioso da sua época, como afirma Etienne Gilson<sup>41</sup>.

Na obra *De Diligendo Deo*, São Bernardo nos ensina que o amor deve passar por várias etapas de aperfeiçoamento para podermos evoluir, já que o amor é uma disposição da alma do homem. Pois tudo que nos compõe, ou melhor, a composição da nossa natureza depende de Deus, assim, o dever da nossa alma é volta-se de maneira amorosa para Ele. Isto é justificável pelo simples fato de que é imposto ao homem um mandamento: *Amar a Deus*, daí termos a obrigação de amá-Lo. Tendo em vista que se atribui a Ele a nossa existência e todas as coisas que usufruímos para sobreviver, além da razão que nos faz diferente e nos eleva acima dos outros animais.

Assim, São Bernardo institui na obra acima citada a partir do capítulo VIII, quatro graus do amor. O primeiro consiste no amor a si mesmo, também chamado amor carnal. Este tipo de amor é uma necessidade que decorre da própria natureza humana, posto que o homem não é apenas espírito, mas também é corpo.

Mas, pelo fato de a natureza ser extremamente frágil e sem vigor, é compelida pela necessidade imperante a servir primeiramente a si mesma. Esse é o amor carnal, com o qual o homem ama-se por causa de si mesmo antes de todas as coisas, assim como foi escrito: Primeiro o que é animal, depois o que é espiritual (1 Cor 15,46).<sup>42</sup>

De acordo com São Bernardo, o termo “carnal” significa a parte corpórea da natureza do homem. É nesta parte animal que os seres humanos satisfazem as necessidades do corpo e que se manifestam de diversas maneiras. Entende-se que uma destas manifestações é o amor de *concupiscentia*. O amor a si mesmo apesar de não ser pecaminoso não deixa de constituir em um mal, em face de sua perversão pelo pecado original. Além disso, o amor carnal degenera em concupiscência. Esta “é o amor próprio a extravar dos limites da necessidade.”

43

<sup>40</sup> AGOSTINO, Sant'. II maestro interiore. A cura di A. Trapè. Milano: Paoline, 1987, p.226-236. In: SCHOEPFLIN, Maurizio. **O amor segundo os filósofos**, 2004, p.72.

<sup>41</sup> **A Filosofia na Idade Média**, 2001, p. 362.

<sup>42</sup> BERNARDO, 2010, Cap. VIII, 23, p.36.

<sup>43</sup> Cf. BOEHNER e GILSON, p.290.

A concupiscência, segundo Bernardo de Claraval, nasce do coração e o coração do homem ama as coisas terrenas acreditando descobrir nelas a sua felicidade. Mas, no entanto, as coisas externas não satisfazem o homem, mas ao contrário o deixa infeliz. Deste modo, a primeira forma do amor tem sua perversão pela concupiscência, pois, “o elemento animal sobrepuja o elemento espiritual, não só por causa da corporeidade característica do ser humano, mas por causa da corrupção de sua natureza pelo pecado”.<sup>44</sup>

O segundo grau do amor versa que o homem ao reconhecer a sua miséria e ao perceber que tem necessidade de Deus dá, segundo São Bernardo, o primeiro passo no amor de Deus. Pois, o homem animal e carnal que não sabia amar ninguém além de si mesmo, começa a amar a Deus porque se apercebe que Nele tudo pode, bem como, ele não pode subsistir por si só e busca pela fé amar a Deus como uma necessidade para si. Então o homem começa a amar a Deus ainda por causa de si mesmo e não por Ele.

No momento em que o homem passa a ter um conhecimento pleno de Deus e tem já certa familiaridade com Ele, por meio da oração, da leitura das Escrituras e da obediência, o homem começa a amar a Deus por Ele mesmo, tendo em vista o seu próprio bem e por ter experimentado em si próprio a doçura de Deus. Neste sentido, “o homem saboreando quão suave é o Senhor, passa para o terceiro grau, quando ama a Deus não mais por causa de si, mas por Ele mesmo”<sup>45</sup>.

No último grau do amor o homem ama a si mesmo só por causa de Deus. É neste grau que o homem alcança a sua perfeição. Mas, São Bernardo acredita que o acesso a esse grau é de certa forma impossível ou raro, mesmo que seja uma só vez e rapidamente, isto porque esta experiência é celestial e não é uma condição humana, pois o homem não consegue abraçar perfeitamente este grau do amor porque ele não consegue amar a Deus por Ele mesmo.

Segundo São Bernardo, neste grau supremo do amor, a necessidade e a concupiscência se extinguem. Todavia, o amor supremo não exclui o amor próprio, pelo menos em sua forma inteiramente purificada pelo amor a Deus. Deste modo, o homem torna-se semelhante a Deus e essa assemelhação ou divinização faz com que ele ame a si mesmo enquanto semelhança de Deus. Assim, “o amor a Deus e o amor à sua semelhança, que é o homem, vêm a ser uma só e mesma coisa”<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> BERNARDO Apud BOEHNER e GILSON, p.291.

<sup>45</sup> BERNARDO, 2010, cap. XV, p.57-58.

<sup>46</sup> Apud BOEHNER e GILSON, p.293.

Essa semelhança que São Bernardo fala, de acordo com Gilson<sup>47</sup> tem base em um acordo perfeito com as vontades, pois amar a Deus por ele mesmo é conciliar a nossa vontade à dele, é constituir uma unidade com Ele, enquanto continuamos a ser nós mesmos.

Portanto, para São Bernardo de Claraval o amor tem que passar por estes quatro graus para evoluir. Ademais, o amor é para ele a maior força da vida espiritual, logo “Deus há de ser amado por Ele mesmo em base a uma dúplici razão: porque nada mais de mais justo e nada de mais vantajoso pode ser amado”<sup>48</sup>.

### 1.3 O amor cortês e o casamento

Por cortesia entendemos uma qualidade mundana que surgiu no período medieval, século XII, e que concernia ao comportamento social daqueles que partilhavam a vida nas cortes reais e principescas dos castelos. Era uma cultura de elites “era um refinamento de costumes, um controle mais rigoroso das pulsões, uma polidez, uma arte de viver, uma sociabilidade e, principalmente, uma fina educação para com a mulher”<sup>49</sup>.

O homem cortês precisaria ser amável, educado e fino, como também deveria saber expressar seu amor de uma maneira gentil para com as damas. O mais interessante é que quando estas damas falavam do amor não se referiam as experiências vividas com os cônjuges, mas sim com seus amantes. Assim, percebemos que o amor cortês surgiu sob o jugo da infidelidade conjugal.

A principal característica do amor cortês é a submissão absoluta do homem à dama. Ele se submetia a mulher de maneira a presta-lhe fidelidade total e as suas ações sempre eram comedidas para que a honra da sua senhora não fosse corrompida, já que esta era casada. Esta é outra característica marcante do amor cortês. O homem era solteiro, jovem, “um ‘Amador’ que se entrega de corpo e alma a uma paixão incontrolável e ao dedicado serviço amoroso da mulher amada. E ela: uma ‘Dama’ que, aos olhos do amante apaixonado, é a mais bela e perfeita de todas as mulheres”<sup>50</sup>.

<sup>47</sup> A **Filosofia na Idade Média**, 2007, p.365-366.

<sup>48</sup> BERNARDO, cap. I, p. 9.

<sup>49</sup> COSTA, Ricardo da; COUTINHO, Priscilla Lauret. **Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da condição feminina na Idade Média**. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP), diciembre de 2003, p. 4-28 (ISBN 987-544-029-9). [pdf]

<sup>50</sup> BARROS, José D’Assunção. **Os trovadores Medievais e o amor cortês – reflexões historiográficas**. Revista Alétheia Estudos sobre Antiguidade e Medievo. Abril/Maio, 2008. Ano 1. V.1N. 1. [pdf] Disponível em: <http://www.revistaaletheia.com/index.html> Acesso em 05 de Outubro de 2011.

Enfim, o amor cortês possuía um caráter misterioso e inacessível. Além de existir sigilo e discrição nos encontros entre os amantes para que a imagem da mulher não fosse maculada. Conforme Rougemont,

[...] o amor pressupõe também um ritual: o *domnei ou donnoi*, vassalagem amorosa. O poeta conquistou sua dama pela beleza de sua homenagem musical. De joelhos, jura eterna fidelidade, tal como se faz a um suserano. Como garantia de amor, a dama oferecia ao seu paladino-poeta um anel de ouro, ordenava-lhe que se levantasse e beijava-lhe a fronte. Doravante, esses amantes estarão unidos pelas leis da cortesia: o segredo, a paciência, a moderação, que não são exatamente sinônimos de castidade, como veremos, e sim de retenção... E, sobretudo, o homem será o servo da mulher.<sup>51</sup>

Neste sentido, o amor cortês sugere uma total obediência e lealdade do amado à dama, que passa a ser a suserana dele. Percebemos que é uma maneira de vassalagem de caráter afetuosos e que admite os mesmos códigos concisos e apropriados da vassalagem ao suserano. Assim, “o amor cortês ensinava a servir e servir era o dever do bom vassalo” e além do exercício da submissão, havia também o “dever da fidelidade e do esquecimento de si”<sup>52</sup>. Ademais, o amor cortês se opõe a uma fidelidade que independe do casamento legal e que é fundado essencialmente no amor, a ponto de chegar a declarar que o amor e o casamento são incompatíveis, pois “o casamento significa apenas a união dos corpos, enquanto o ‘Amor’, o Eros supremo, é a projeção da alma para a união luminosa, para além de todo amor possível nesta vida. Eis porque o Amor pressupõe a castidade”, conforme Rougemont.<sup>53</sup>

Segundo Duby<sup>54</sup> a vertente ascética, monástica da Igreja Cristã da época vinculava seu pensamento às filosofias da Antiguidade e tinha a tendência de condenar o casamento, cujo mal consistia em ser ao mesmo tempo mácula, inquietação da alma, além de ser um obstáculo à contemplação, em virtude de argumentos e de menções da Bíblia Sagrada. No entanto, a Igreja admitiu o casamento como um mal dentre os menores, já que os homens não são como os insetos que se reproduzem, assim necessitam copular. Desta forma, a Igreja adota o casamento, instituindo-o, todavia com o propósito de que sirva apenas para dar disciplina a sexualidade e como forma de lutar com toda eficácia contra a fornicção.

Ademais, para tal finalidade, a Igreja propõe “uma moral da boa vida conjugal. Seu projeto: tentar retirar da união matrimonial essas duas corrupções maiores, a mácula inerente ao prazer carnal, as demências da alma apaixonada, desse amor selvagem [...]”<sup>55</sup>. Assim,

<sup>51</sup> **O Amor e o Ocidente**, 1986, livro II, p.62.

<sup>52</sup> Cf. DUBY, 2011, p. 74-75.

<sup>53</sup> **O Amor e o Ocidente**, 1986, livro II, p.62

<sup>54</sup> **Idade Média, Idade dos Homens**, 2011, p.18.

<sup>55</sup> *Ibidem*.

entende-se que o casamento tinha no período medieval um caráter peculiar, já que era proibido e até pecado os cônjuges sentirem os prazeres da carne, deveriam ter em mente que sua união era pautada apenas na perpetuação da espécie, ou seja, o casamento tinha em vista unicamente a procriação. A desobediência a este propósito gerava um desconforto, pois se acaso eles se consentissem experimentarem algum prazer eram “maculados”.

Nestas condições o amor no casamento era praticamente nulo. A união do homem e da mulher se dava por duas vias, uma como foi dito acima, para procriar e a outra para um meio de tornar-se rico e acrescentar terras proporcionadas como dote ou prometidas como heranças. Estas situações nos fazem pensar sobre o papel da mulher nesta relação. A mulher era um ser totalmente submisso ao homem, sua função era a obediência. Como afirma Duby:

[...] a mulher é um ser fraco que deve necessariamente ser subjugado porque é naturalmente perversa, que ela está destinada a servir o homem no casamento e que o homem tem poder legítimo de servir-se dela. [...] o casamento forma o embasamento da ordem social, e que essa ordem se funda sobre uma relação de desigualdade e de reverência que não difere do que o latim dos escolásticos chama de *caritas* [caridade].<sup>56</sup>

Na concepção da Igreja, existe no ser humano a alma e o corpo e ambos pertencem a Deus, todavia, conforme a lei do casamento instituída por Ele, ao esposo é concebido apenas o corpo da mulher, podendo, desta maneira, fazer o que bem entender com ele, mas a alma da mulher pertence unicamente a Deus. Ao passo que a mulher não possuía nenhum direito, ou melhor, não podia tomar posse do corpo do homem, seu dever “é não partilhar seu amor mas partilhar a si mesma.”<sup>57</sup> Portanto, no casamento não existe lugar para o amor, pois é proibido aos cônjuges lançarem-se um ao outro na paixão e na acuidade.

Ao término deste tópico, vimos que a antiguidade considerou que *Eros* estava ligado ao desejo sexual e que se dirige à Beleza, ao Bem e ao que é eterno e imutável; a *philia* (amor/amizade) estaria ligada a afeição e era vista como recíproca e desinteressada, preocupada sempre com o conhecimento mútuo e com o bem estar de outrem. No medievo vimos que a visão sobre o amor é totalmente diferenciada da concepção da antiguidade, ele é voltado para o Divino. Um tipo de amor que não está voltado para as coisas do mundo, um amor casto que anseia a eternidade, que Agostinho nomeou de *caritas*. Vimos também que o amor cortês se configura como algo inacessível, é um jogo cuja função é pedagógica. Já o casamento na Idade Média foi instituído pela Igreja como forma de “controlar” os desejos da

---

<sup>56</sup> Ibidem, p.34.

<sup>57</sup> Idem, p.39.

carne, ou seja, a função do casamento era apenas para a procriação, para a perpetuação da espécie.

Portanto, ao propormos este tópico sobre o amor e a filosofia, tivemos o intento de elucidar de forma geral o que é o amor na acepção de alguns pensadores, tendo em vista a compreensão dos diferentes sentidos do amor para que nos conduzam a entender como esses graus do amor aparecem no amor de Abelardo e Heloísa. Além disso, veremos como o amor cortês se manifesta no romance entre estes dois amantes e também veremos o episódio do casamento e as razões que levaram Heloísa a ir contra ele.

## 2 A HISTÓRIA DE AMOR DE ABELARDO E HELOÍSA

Neste tópico, pretendemos realizar uma reflexão sobre a *Historia Calamitatum* de Pedro Abelardo, mostrando os percursos da vida do filósofo até seu encontro com Heloísa. Depois desta apresentação, faremos uma introdução à *Correspondência de Abelardo e Heloísa*, mostrando quantas cartas foram trocadas entre ambos e apresentaremos algumas discussões sobre a sua veracidade.

### 2.1 Uma reflexão acerca da *Historia Calamitatum* de Pedro Abelardo

A *Historia Calamitatum* escrita em 1132, provavelmente quando Pedro Abelardo tinha seus cinquenta e três anos, é uma obra em que o próprio filósofo expõe sua vida desde o seu nascimento em Pallet na França, até o seu romance com Heloísa e conta também, infelicidades e perseguições que sofrera dos seus inimigos. Percebemos, então, que a *Historia Calamitatum* é mais que uma autobiografia, é o relato de um enlace entre a narrativa da vida de Abelardo com a história de seu amor por Heloísa.

O propósito de Abelardo, ao escrever esta autobiografia, é consolar um amigo que se encontra atormentado, por assim dizer, e aflito por estar atravessando provações. Desta maneira, Abelardo relata todos os seus infortúnios como forma de reconfortá-lo, pois “às vezes, os exemplos mais que as palavras excitam ou acalmam os sentimentos humanos”<sup>58</sup>. Assim começa o enredo da *Historia Calamitatum*.

Abelardo era amante das letras e por este motivo abandona a vida militar, ou seja, deixa tudo de lado pela herança do amor às letras e somente por elas trocou as armas da guerra pelas armas dos argumentos dialéticos.

[...] renunciei completamente a corte de Marte para ser educado no regaço de Minerva. E, visto que eu preferi as armas dos argumentos dialéticos a todos os ensinamentos da filosofia, troquei as outras armas por essas e antepus os choques das discussões aos troféus das guerras.<sup>59</sup>

Por isso Abelardo, emulo dos peripatéticos, se pôs a vagar de lugar em lugar em busca de participar das discussões públicas onde existia o cultivo da dialética. Em Paris conheceu seu principal mestre e célebre entre os dialéticos do tempo, Guilherme de Champeaux. Impetuoso, ágil e firme na sua argumentação, Abelardo logo entra em choque com seu mestre, pois ele “disputa, não como aluno que quer aprender, mas como adversário

<sup>58</sup> ABELARDO. *Historia Calamitatum*, 2005, p.79.

<sup>59</sup> Idem, p.80.

que quer vencer”.<sup>60</sup> Abelardo sempre refutava as opiniões de Guilherme de Champeaux, muitas vezes levava o melhor nas discussões, o que provocava em Champeaux certo incômodo. Além disso, Abelardo, pela sua idade e seu tempo de estudo causava indignações a outrem também, e quanto mais sua fama se espalhava a inveja dos seus inimigos inflamava, começando, a partir daí, as infelicidades do filósofo.

Meu sucesso provocou, entre aqueles dentre os meus condiscípulos tidos por mais hábeis, uma indignação tanto maior porquanto eu era o mais jovem e o último a atender aos estudos. É daí que eu dato o início dos infortúnios dos quais ainda hoje sou vítima. Minha fama crescia dia a dia: a inveja levantava-se contra mim. Por fim, presumindo por demais o meu gênio, aspirei, malgrado toda minha juventude, a também dirigir uma escola. [...] Desde as minhas primeiras lições conquistei um tal renome como pensador dialético que a reputação dos meus condiscípulos, a própria glória do meu mestre foram quase ofuscadas. Cheio de orgulho, seguro de mim, logo transferi minha escola para Corbeil, cidade bem próxima de Paris, para ali prosseguir mais vivamente nesse torneio intelectual.<sup>61</sup>

Essa passagem ilustra muito bem a vida que levava Abelardo, uma vida corrompida pelo pecado da soberba, do orgulho e pelo apego às honras. Mas o intrigante na declaração de Abelardo é que ele não nega que foi isso tudo, que foi um ser orgulhoso, soberbo e também avaro. Podemos entender, conforme Abelardo vai narrando a *Historia Calamitatum*, que a sua vida não foi exposta ao pecado pela presença de Heloísa, mas que antes de ele a conhecer já possuía estas características.

Assim após as disputas e as vitórias sobre seus adversários, principalmente sobre Roscelino e Guilherme de Champeaux, Abelardo torna-se mestre e regente da Escola Catedral de Paris. Aí ensina Filosofia e Teologia. Sua fama e glória cresciam e ecoavam por toda a parte, fazendo, assim, com que vários discípulos afluíssem de todos os lugares com a intenção de assistirem aos seus cursos. Como professor de filosofia e teologia, surge então o reconhecimento, o sucesso, a prosperidade e a luxúria. Segundo Gilson, “o sucesso de Abelardo causou, como efeito imediato, a exasperação do orgulho do qual ele jamais fora desprovido”<sup>62</sup>.

Desta forma, Abelardo se apresentava como um ser astuto e altivo. O próprio afirma esse caráter quando fala que acreditava ser ele o único filósofo na “face da Terra” – ... *cum jam me solum in mundo superesse philosophum estimarem* – e que nenhum ataque era digno de temor. Ou seja, não havia ninguém que sabia mais que ele e que nenhuma opinião alheia

<sup>60</sup> Cf. VILELA, 1986, p.54.

<sup>61</sup> *Historia Calamitatum*, 2000, p.30-31.

<sup>62</sup> *Abelardo e Heloísa*, 2007, p.30.

poderia lhe causar medo, pois saberia como se sobressair a isso já que considerava ter um nível mais superior que os outros. Este nível fez com que nenhum dos seus opositores conseguissem denegrir a fama de Abelardo nem tampouco refutá-lo, o máximo que conseguiram foi tramarem contra ele, mas nem isso abalou a reputação do filósofo.

Abelardo nos diz que antes de conhecer Heloísa, levava uma vida casta: “eu, que até então havia vivido numa estrita continência, comecei a dar brida a meus desejos”<sup>63</sup> - ... *frena libidini cepi laxare, que antea vixeram continentissime (256-257)* – e esclarece que detestava o comércio grosseiro das prostitutas e que a preparação das aulas para seu curso não lhe permitia frequentar as mulheres da nobreza, como também cultivava pouco contato com as da burguesia. Mas a adversidade proporcionou a Abelardo, através de Heloísa, uma forma mais sedutora de cair das suas alturas sublimes da continência, e a misericórdia divina, para humilhar-lhe, soube vingar-se de seu orgulho<sup>64</sup>.

Desta maneira, Abelardo nos mostra o início de sua trajetória para seduzir Heloísa, um percurso que segundo Vilela<sup>65</sup> foi tortuoso, mas sem beleza de nenhuma espécie, caminho em que surge a intensa imagem de um homem calculista e de certa frieza, caminho de uma sedução que não apresenta sequer o amor por justificativa. Vilela ainda afirma que não se sabe se a aproximação de Abelardo foi “apenas com objetividade ou se também com certa dose de cinismo”. De certa maneira, Abelardo foi objetivo e cínico também, no que ele queria, ele sabia o que desejava, pois meticulosamente planejou a forma de como se apresentar à Heloísa:

[...] Com tal objetivo, fiz-me apresentar a seu tio através de amigos comuns, os quais lhe propuseram tomar-me como pensionista. Na verdade, sua casa ficava muito próxima da minha escola; [...] Aleguei que tomar conta de uma casa prejudicaria meus estudos e que a despesa pesava muito em meu orçamento.<sup>66</sup>

Abelardo descreve Heloísa como uma jovem muito bonita e culta, que morava com seu tio, o cônego Fulbert, este a amava de tal forma que não media esforços para que ela tivesse uma educação refinada. Assim, o encanto de Abelardo por Heloísa não foi apenas por ela ser letrada nem pela glória que a mesma possuía, mas também porque Heloísa era

<sup>63</sup> **Historia Calamitatum**, 2000, p.38.

<sup>64</sup> “Quia igitur scortorum immunditiam sempre abhorrebam et ab accessu et frequentatione nobilium feminarum studii scholaris assiduitate revocabar nec laicarum conversationem multum noveram, prava mihi, ut dicitur, fortuna blandiens commodiorem nacta est occasionem, qua me facilius de sublimitatis hujus fastigio prosteneret” (272-278). Todos os excertos em latim foram retirado da seguinte obra O drama Heloísa-Abelardo do autor Pe. Orlando Vilela, da editora Itatiaia, ano 1986, p.66 e p.69.

<sup>65</sup> **O drama Heloísa-Abelardo**, 1986, p.67.

<sup>66</sup> **Historia Calamitatum**, 2000, p.40.

“bastante bonita e a extensão de sua cultura tornava-a uma mulher excepcional”<sup>67</sup>. Naquela época era um fato raro as mulheres terem conhecimentos literários e filosóficos também, isto tornava Heloísa uma mulher irresistível aos olhos de Abelardo, porque ele a via ornada de todos os encantos que atraem os amantes e “tudo isso concorria para torná-la uma vítima designada aos olhos de Abelardo”<sup>68</sup>.

A maneira como Abelardo se aproximou de Heloísa é extremamente instigante para a concepção de que ele era um ser audaz e presunçoso, pois ele não duvidava do seu êxito: “eu brilhava pela reputação, juventude e beleza, e não havia mulher junto a quem meu amor tivesse a temer recusa”<sup>69</sup>. Eficaz na sua intuição, Abelardo conseguiu o que queria. Não houve resistência por parte de Heloísa, visto que com uma certeza absoluta Abelardo acreditava que a mesma não resistiria, já que possuía uma sólida instrução e desejaria ampliá-la ainda mais.

Inflamado de amor por Heloísa, Abelardo procurou a ocasião de travar relações com ela de modo que pudesse participar de sua familiaridade cotidiana e com a ajuda de amigos comuns fez-se apresentar a Fulbert. Tal empreitada de Abelardo não foi difícil, posto que Fulbert era avarento e “muito se orgulhava da cultura literária de Heloísa. Por isso não relutou em aceitar a proposta de Abelardo”<sup>70</sup>. O próprio Abelardo se espanta com a ingenuidade de Fulbert:

A ingenuidade do ancião me deixou estupefato. Eu não me recordava do meu espanto: confiar assim uma terna ovelha a um lobo esfaimado! Encarregou-me não apenas de instruí-la, mas de castigá-la sem reservas: que teria feito outro, se ele quis dar toda permissão aos meus desejos e fornecer a ocasião, mesmo contra minha vontade, de obter por ameaças e golpes o que as carícias poderiam ser impotentes a conquistar?<sup>71</sup>

Mas a ingenuidade de Fulbert pode ser explicada, como o próprio Abelardo esclarece, devido ao fato da afeição que Fulbert sentia pela sobrinha e a reputação de continência de Pedro Abelardo. E o que falar de Heloísa nessa situação? Seria ela vítima desse lobo esfaimado? Até parece que não, pois como veremos, Heloísa “se gabou mais tarde de ter conquistado um homem tão disputado, mostrando-se tudo menos pobre vítima que caiu na armadilha de seu caçador”<sup>72</sup>. Ora, mas quem se tornou vítima da paixão foi Abelardo que

<sup>67</sup> **Historia Calamitatum**, 2000, p.39.

<sup>68</sup> **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.33.

<sup>69</sup> **Historia Calamitatum** 2000, p.39.

<sup>70</sup> VILELA, 1986, p.68.

<sup>71</sup> **Historia Calamitatum**, 2000, p.41.

<sup>72</sup> RANGEL, Patrícia. **A abadessa infiel e o cavaleiro apóstata**. Revista Estudos Hum(e)anos. ISSN 2177-1006 Número 0, 2010/01. [pdf]. Disponível em: [http://revista.estudoshum\(e\)anos.com/a-abadessa-infiel-e-o-cavaleiro-apostata/](http://revista.estudoshum(e)anos.com/a-abadessa-infiel-e-o-cavaleiro-apostata/) <Acesso em 12 de Outubro de 2011>

após a realização do seu audacioso plano de conquistar Heloísa, negligenciou seus estudos, negligenciando, também, sua escola, além de “trocar” seus discípulos por Heloísa e a filosofia pela poesia.

Assim, após descrever todo o processo de sedução, Abelardo passa a expor seus encontros amorosos com Heloísa:

Que mais teria a acrescentar? Um mesmo teto nos reuniu, depois um mesmo coração. Sob o pretexto de estudar, entregávamo-nos inteiramente ao amor. As lições nos propiciavam esses tête-à-tête secretos que o amor anseia. Os livros permaneciam abertos, mas o amor mais do que nossa leitura era o objeto dos nossos diálogos; trocávamos mais beijos do que proposições sábias. Minhas mãos voltavam com mais frequência a seus seios do que a nossos livros. O amor mais frequentemente se buscava nos olhos de um e outro do que a atenção os dirigia sobre o texto. [...] Mais ainda? Nosso ardor conheceu todas as fases do amor, e também tivemos experiência de todos os refinamentos insólitos que o amor imagina.<sup>73</sup>

Neste ínterim, podemos perceber que Heloísa afigurava-se para Abelardo “como bem mais do que uma possibilidade de satisfação sexual: era luxúria, vaidade, glória e fama reunidas na mesma oportunidade”.<sup>74</sup> Suponhamos que a luxúria tenha sido a causa da atração de Abelardo por Heloísa, pois de acordo com Gilson<sup>75</sup>, não existia o menor traço de paixão romântica no seu caso; nada mais que luxúria, como o próprio Abelardo reconhece, além do orgulho. Já em referência a Heloísa o que a fez envolver-se com Abelardo foi o amor.

Os encontros amorosos entre Abelardo e Heloísa não demoraram muito para serem descobertos, primeiro pelos seus discípulos e por último Fulbert que não imaginava tamanha traição daqueles a quem são estimados e amados. A cegueira de Fulbert chegava a ser “gritante”, já que os encontros ocorriam bem a sua frente, o que o tornava um ser imprudente e ingênuo. Como diz Abelardo: “de fato não suspeitamos facilmente da desonra daqueles que muito amamos nem pode existir a nódoa de uma vergonhosa suspeita numa profunda afeição.”<sup>76</sup> E, citando São Jerônimo, Abelardo ressalta que “somos sempre os últimos a saber o que se passa em nossa casa e todo mundo sabe o que faz uma mulher antes que seu pai ou seu marido o percebam”.<sup>77</sup>

<sup>73</sup> **Historia Calamitatum**, 2000, p.41.

“Apertis itaque libris, plura de amore quam de lectione verba se ingerebant, plura erant oscula quam sententiae; sepius ad sinus quam ad libros reducebantur manus, crebrius oculos amor in se reflectebat quam lectio in scripturam dirigebat... Quid denique? Nullus a cupidinis intermissus est gradus amoris, et si quid insolitum amor excogitare potuit, est additum” (335-344).

<sup>74</sup> Cf. SILVA, Pedro Rodolfo Fernandes da. **As cartas de Abelardo e Heloísa: entre paixão e razão**. p.8. [pdf].

<sup>75</sup> **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.32.

<sup>76</sup> **Historia Calamitatum**, 2002, p.97.

<sup>77</sup> Idem.

Abelardo era ciente de que não poderia manter em segredo por muito tempo seu caso de amor com Heloísa. Este fato os conduziu a separarem-se contra as suas vontades, uma separação que segundo Vilela, “costuma dar em nada. Ou melhor, costuma dar em alguma coisa mais: a exasperação do amor”.<sup>78</sup> Assim, a separação dos corpos, segundo Abelardo, tornou mais forte a união das suas almas e porque era negada a eles a satisfação dos corpos, o amor deles se inflamava mais ainda.

Depois do escândalo e da separação, Heloísa escreve a Abelardo com uma alegria alucinante informando-o que estava grávida e que esperava alguma atitude dele. Tal atitude foi o rapto de Heloísa, às ocultas, da casa do tio e deixada aos cuidados de uma das irmãs de Abelardo, na Bretanha. Fulbert, após o rapto da sobrinha, ficou furioso e próximo de enlouquecer, mas não poderia fazer nada contra Abelardo enquanto Heloísa estivesse aos cuidados da irmã dele.

Compadecido da situação de Fulbert, Abelardo foi ao encontro dele “para se acusar, se desculpar, suplicar, alegando em sua defesa que o amor sempre fora a perda dos grandes homens”,<sup>79</sup> e propôs-lhe como reparação do mal feito esposar Heloísa, mas solicitou segredo. Segundo Gilson<sup>80</sup>, para encontrarmos significado nessa sugestão de Abelardo apenas se dispõe de dois indícios, a saber: primeiramente, Abelardo assevera como algo cômodo que ao propor esposar Heloísa era o mesmo que oferecer a Fulbert uma satisfação que ia além de tudo o que ele poderia esperar; seguidamente que como compensação a essa oferta inesperada, Abelardo exigia que se conservasse sigilo acerca do matrimônio. Segredo porque se acaso viesse a público a notícia deste casamento, a fama, o prestígio e a reputação de Abelardo seria manchada, coisa que ele mais prezava na vida.

Abelardo narra na *Historia Calamitatum* todos os argumentos que Heloísa tinha para dissuadi-lo de esposá-la. Desta forma, Abelardo diz que Heloísa era contra o matrimônio por dois motivos, a saber, o primeiro referia-se ao perigo que lhe poderia incorrer, porque Fulbert não poderia ser abrandado por qualquer satisfação, é o que veremos mais adiante, o outro motivo é pela desonra, pois esta tiraria de Abelardo a glória e humilharia tanto a ele quanto a ela. Também foi pela reputação e glória de Abelardo como clérigo<sup>81</sup> e filósofo que Heloísa não aceitava o casamento, a base de seus argumentos incide em que um filósofo que nasce

<sup>78</sup> **O drama Heloísa-Abelardo**, 1986, p.74-75.

<sup>79</sup> GILSON, **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.36.

<sup>80</sup> Idem.

<sup>81</sup> Segundo Pedro Rodolfo Fernandes da Silva, “o termo clérigo no século XII designa todo estudante, de modo que não é uma ordem religiosa e por isso, o clérigo não estava impedido de contrair matrimônio, mas uma vez casado, não poderia casar-se novamente. O que ocorre é que um clérigo casado é visto como *incontinenti* e, portanto, não vive um estado de perfeição”.

para o mundo e um clérigo que pertence à igreja não possui o direito de se envolver nos vínculos do casamento.

Sendo assim, conforme Abelardo, Heloísa mostrava a ele a ignomínia e as dificuldades do estado conjugal e pensava, da mesma forma que ele, que um filósofo nunca deveria se casar, visto que seria impossível servir ao mesmo tempo a dois senhores, os livros e a esposa. Neste sentido, Heloísa tinha consciência que ao esposar Abelardo teria direitos sobre ele e isso era o que ela menos desejava. Para mostrar a Abelardo o disparate que ele estava cometendo, Heloísa evoca as reflexões de Teofrasto e São Jerônimo sobre o casamento e diz que se ele a esposasse levaria uma vida regrada de cuidados, ou seja, levaria uma vida infeliz e inútil tendo que cumprir com as obrigações de esposo e pai.

Nenhum dos argumentos de Heloísa fez Abelardo desistir do casamento, ele permanecia com a ideia fixa de casar-se com ela, desta maneira, Heloísa não tinha mais o que argumentar a questão agora era ceder à imposição do amado, pois ela vive somente para agradá-lo, “ela o amava, ele era o mestre e, já que ele assim queria, ela só podia obedecer”.<sup>82</sup> Deste modo, Heloísa “carregará esse fardo para o resto de sua vida e amargará o fato de estar casada, mas impossibilitada de usufruir seus direitos conjugais com Abelardo”.<sup>83</sup>

Entre soluços e lágrimas, conforme Abelardo, Heloísa termina seus argumentos com estas palavras: “então não nos resta senão uma coisa a fazer para nos perder a ambos e para que a um tão grande amor suceda uma dor igualmente grande”.<sup>84</sup>

Assim, Abelardo concretiza sua vontade: desposa Heloísa. Casam-se no silêncio da noite em uma igreja solitária em presença de Fulbert e de alguns amigos de ambos os lados. Depois da cerimônia cada um seguiu seu destino, já que a finalidade era manter o casamento em segredo. Mas o segredo foi revelado, Fulbert e algumas pessoas da sua casa puseram a divulgar “aos quatro ventos” o casamento de Abelardo e Heloísa, como esta tinha precavido outrora que o tio não era de confiança, ele não seria abrandado por qualquer satisfação – *Jurabat illum nulla unquam satisfactione super hoc placari posse* (428-429) –, quebrando desta forma o juramento que fizera.

Destarte, podemos entender as razões que fizeram Fulbert divulgar o casamento, foi por pura vingança. Para ele a ofensa foi pública enquanto a reparação não, ela foi secreta e

<sup>82</sup> GILSON, *Heloísa e Abelardo*, 2007, p.67.

<sup>83</sup> Pela instituição sacramental do casamento, um passa a ter direito sobre o corpo do outro, de modo que não somente Heloísa não poderia ter direito sobre Abelardo, porque este estava impossibilitado de atender às exigências das relações conjugais, como também a própria Heloísa desejava uma vida para ambos compatíveis àquela ideologia que se tinha acerca do estilo de vida dos intelectuais. Cf. SILVA, Pedro Rodolfo Fernandes da. *As cartas de Abelardo e Heloísa: entre paixão e razão*. [pdf]

<sup>84</sup> *Historia Calamitatum*, 2000, p.49.

assim a moral foi reparada ao passo que a ofensa não, esta ficou cravada na alma de Fulbert, pois o casamento não poderia reparar a ofensa que sofrera e aguardou o momento certo para se vingar. Neste sentido,

concebe-se muito bem a cólera de Fulberto diante dessa obstinada que se perjurava para lhe dar publicamente o desmentido. Ele não tinha as mesmas razões que Heloísa para amar Abelardo; pode-se até admitir que, de todas as vinganças que ele pudera imaginar, aquela que consistia em dizer que Abelardo, que havia efetivamente desposado Heloísa, era o marido de Heloísa, era a mais inofensiva que se poderia esperar de sua parte.<sup>85</sup>

Abelardo nos diz que Heloísa jurava “por seus deuses que nada era mais falso: *illa autem e contra anathematizare et jurare quia falsissimum esset*”<sup>86</sup> e protestava violentamente o contrário e por consequência era maltratada pelo tio, sabendo deste acontecimento, Abelardo retira Heloísa da casa de seu tio e a conduz a uma abadia em Argenteuil, onde outrora ela foi instruída e a fez receber a vestimenta religiosa apropriada à vida monástica. Deste modo, Abelardo libertava Heloísa dos maus tratos do inconformado e enraivecido Fulbert e comprovado estaria, apesar de Abelardo não declare de forma específica que também este era seu intento, e de maneira indiscutível, que Heloísa não era sua esposa<sup>87</sup>.

Abelardo nos mostra que ao tomar conhecimento deste fato, Fulbert e sua família ficaram mais furiosas ainda, pensando que Abelardo tinha lhes pregado uma peça, ou seja, conduzindo Heloísa para o convento e tornando-a uma religiosa, Abelardo estaria desembaraçando-se dela facilmente e zombando deles. Mas que na verdade, foi apenas para livrar Heloísa das mãos do tio e garantir, de certa maneira, a segurança dela, bem como, provar que ela não era sua mulher. Contudo, Fulbert e seus cúmplices indignados e furiosos armaram um complô contra Abelardo:

Donde, profundamente indignados e mancomunados contra mim, certa noite, enquanto eu repousava e dormia num quarto retirado da minha residência, tendo corrompido com dinheiro o meu servidor, puniram-me com a vingança mais cruel e vergonhosa, e de que o mundo tomou conhecimento com o maior espanto, isto é, cortaram aquelas partes do meu corpo com as quais eu havia perpetrado a façanha que eles lamentavam.<sup>88</sup>

Abelardo relata que a partir deste acontecimento, a vergonha que sentira não foi apenas pela mutilação que sofrera, mas pela sua honra, pela sua glória, pela sua filosofia que ele lastima e sofre, assim, diz ele: “algumas horas antes eu gozava de uma glória incontestável

<sup>85</sup> GILSON, **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.69.

<sup>86</sup> Idem.

<sup>87</sup> Cf. VILELA, 1986, p.89.

<sup>88</sup> **Historia Calamitatum**, 2002, p.107.

Um instante havia sido suficiente para rebaixá-la, talvez para destruí-la!”.<sup>89</sup> Deste modo, Abelardo concebe a castração sofrida como uma punição divina na parte do corpo que o fizera pecar, todavia não somente pelo pecado que cometeu com Heloísa, mas também pelos vícios que outrora cometera e diz que aquele que ele traíra infligia-lhe, por sua traição, justas retaliações.

Segundo Zumthor, ao mutilar Abelardo Fulbert lhe corta também a carreira, posto que a Igreja proíbe aos castrados exercer qualquer cargo pastoral ou administrativo.<sup>90</sup> Além disso, conforme as Escrituras e como o próprio Abelardo assinala os eunucos são criaturas abomináveis por Deus, são vistos como um ser fétido e imundo – *tanquam olentes et immundi*. Citando Deuteronômio, capítulo XXIII, que diz que “o eunuco, cujos testículos tiverem sido esmagados ou amputados, não entrará na assembléia de Deus”, Abelardo sente-se abatido por tal miséria.

Foi a vergonha, mais que a vocação, que levou Abelardo para a vida monástica. Sendo assim, Abelardo se estabeleceu na abadia de Saint-Denys e ao mesmo tempo em que Heloísa recebia o hábito monástico em Argenteuil, ele também o recebe. Heloísa recebe o véu como expiação por ter esposado Abelardo, é o que podemos compreender, visto que ela seria isenta deste ato pela maior parte de seus superiores, movidos pela compaixão da pouca idade e do fardo que Heloísa iria carregar pelo resto da sua vida, como relata o próprio Abelardo na *Historia Calamitatum*. No entanto, ela responde entre soluços com as palavras de Cornélia:

*Ó grande esposo,  
Nobre demais para o meu leito! Meu destino  
Tinha direitos sobre uma cabeça tão elevada?  
[Por que te esposei, ímpia,  
Se faço tua desgraça? Recebe agora a expiação  
À qual me submeto de bom grado.]*<sup>91</sup>

Assim, ambos abraçam a causa monástica, não por vontade própria. Ele tornou-se monge, não porque o quis, mas porque a situação em que se encontrava lhe impôs a isso, e aceita a expiação provinda da vontade de Deus, reconhecendo, assim, como justo o castigo pelo pecado cometido e, menos por vocação religiosa e mais por vergonha, consagra a vida a Deus. Enquanto Heloísa tornou-se abadessa, também não por vocação, mas por obrigação, ou melhor, por imposição de Abelardo. Depois destes acontecimentos, Abelardo passa a descrever ao amigo os infortúnios que ainda lhe aguardava e que resumimos aqui com as palavras de Zumthor:

<sup>89</sup> *Historia Calamitatum*, 2000, p. 51

<sup>90</sup> *Prefácio a Abelardo e Heloísa*, 2000, 15.

<sup>91</sup> *Historia Calamitatum*, 2000, p. 52.

[...] Abelardo retomou seus trabalhos teológicos. Suas obras sucessivas fazem escândalo. É censurado por lhe faltar o sentido do mistério. Na verdade, Abelardo está agora no mistério. É expulso de Paris; é condenado e maltratado. Refugia-se em Champagne, funda em 1120 o monastério do Paraclete, que é obrigado a abandonar. Aprisionado em Saint-Denys, ele acaba por aceitar, para se libertar de um mundo odioso, o cargo de abade do convento de Saint-Gildas-de-Rhuys, na Bretanha, em meio a uma população miserável e a monges bandidos que durante seis anos (de 1128 a 1134) ele tentará governar. Agredido uma tarde por alguns de seus subordinados, irritados com as reformas que ele pretendia introduzir, cai do cavalo e quebra várias vértebras. Doente, considera-se já morto. Começa a lembrar. Cede um instante ao desespero. O próprio Deus o abandonou? É então que *Abelardo* escreve o relato de suas infelicidades...<sup>92</sup>

## 2.2 Introdução à Correspondência de Abelardo e Heloísa

Não pretendemos aqui tratar exaustivamente o conteúdo das cartas, basta informarmos quantas cartas foram trocadas pelos amantes e também, não de forma aprofundada, mostrar algumas discussões sobre a autenticidade destas cartas. As dúvidas sobre a autenticidade da Correspondência surgiram no século XIX e o motivo é bastante simples, conforme Vilela teve origem em um erro de tradução de duas passagens da primeira carta de Heloísa.<sup>93</sup>

A *Correspondência de Abelardo e Heloísa* mostra-nos uma compilação de cartas: De Abelardo a um amigo onde ele narra todos os infortúnios da sua vida e até as desventuras do seu amor por Heloísa; uma *Consolatio*, carta de Heloísa a Abelardo, onde ela toma conhecimento da *Historia Calamitatum*; De Abelardo a Heloísa, em resposta as lamentações de Heloísa; De Heloísa, segunda carta a Abelardo; De Abelardo, segunda carta a Heloísa, além de outras três cartas escritas por Abelardo para orientar Heloísa e demais religiosas. Além disso, Abelardo ainda escreve uma regra para a organização da vida religiosa das monjas sob o comando de Heloísa.

Em relação à data e ao contexto, provavelmente, as datas são os anos de 1132 a 1137. Nesse tempo Heloísa encontrava-se no mosteiro do Paraclete, foi quando a *Historia Calamitatum* chegou às suas mãos. Heloísa, indignada e ofendida, escreve a Abelardo

<sup>92</sup> **Prefácio a Abelardo e Heloísa**, 2000, p.17.

<sup>93</sup> As duas passagens que Vilela indica são as seguintes: a primeira: “*Unde non mediocri amiratione nostrae tenera conversationis initia tua iam dudum oblivio movit quod, nec reverentia Dei Nec amore nostri nec sanctorum patrum exemplis admonitus, fluctuantem me et iam diutino moerore confectam vel sermone vel epistola absentem consolari*”; a segunda passagem: “*Dic unum si vales cur, post conversionem nostram quam tu solus facere decrevisti, in tantam tibi negligentiam atque oblivionem venerim ut nec colloquio praesentis recreer nec absentis epistola consoler*”. Para maiores informações e explicações sobre estas passagens ver a obra de Pe. Orlando Vilela **O drama Heloísa-Abelardo**, 1986, p. 39-42, e também a obra de Étienne Gilson **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.197-212.

suplicando-lhe atenção, já que ele dispunha de tempo para escrever a um amigo e esquecer a negligenciara os cuidados necessários à orientação dela e de outras religiosas, que ao olhar de Heloísa, são as únicas criaturas que restam a Abelardo e, sendo assim, exigem participar dos sofrimentos e das alegrias dele. A partir daí se iniciam as trocas de correspondência entre Heloísa e Abelardo. Já Abelardo encontrava-se em 1132 no mosteiro de Saint-Gildas, onde administrava e também foi o lugar que ele passou por várias provações e ocasiões infelizes devido à vida corrompida que os monges deste mosteiro desenvolviam.

Segundo Silva, com relação à autenticidade das cartas fica excluída de contestação a autoria da *Historia Calamitatum* e que disso não se segue que Abelardo proporciona um relato baseado em fatos objetivos da sua experiência ou das suas relações com Heloísa.<sup>94</sup> Com relação às cartas que se atribuem a Heloísa e as demais, elas foram ensejos de várias contestações.

É o que nos mostra Étienne Gilson, na obra *Heloísa e Abelardo*. Ele diz que o problema da autenticidade das cartas não é de agora, vem desde 1841 quando Orelli atribuiu à composição dessa coleção a um amigo e apreciador de Abelardo e Heloísa que redigira a correspondência depois que eles faleceram. Tal especulação não obteve grande repercussão entre os estudiosos da medievalidade, é tanto que nenhum deles se prestou a discuti-la, já que Orelli não diz de onde tirou essa conclusão, como afirma Gilson.<sup>95</sup>

Outra consideração acerca da autenticidade é a de Ludovic Lalanne, em 1857, ele alegava que a coleção das cartas atribuídas a Abelardo e Heloísa apresentava certos traços de alterações póstumas, além disso, para ele, quem escreveu as cartas foi Heloísa depois que Abelardo veio a falecer, com base em cartas escritas ou recebidas por Heloísa em períodos distintos. Suas conclusões são menos radicais que as de Orelli e são possíveis discuti-las, pois suas conclusões são baseadas em argumentos concisos, conforme Gilson.<sup>96</sup>

B. Schmeidler e Charlotte Charrier em 1913 retomam a teoria de Lalanne apresentando novos argumentos sobre a veracidade da correspondência. Para Schmeidler o autor das cartas é Abelardo, porque segundo ele certas peculiaridades do estilo de Abelardo aparecem nas supostas Cartas de Heloísa e deduz que Abelardo as reescreveu, transformando, assim, Abelardo em um falsificador. E conclui que a Correspondência “é um todo, uma obra única até em sua falsidade.”<sup>97</sup> Em relação às Cartas que são atribuídas a Heloísa, Schmeidler se esquivava e não discute a questão, visto que é impossível levantar questionamentos se

<sup>94</sup> **As cartas de Abelardo e Heloísa: entre paixão e razão.** [pdf]

<sup>95</sup> **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.175.

<sup>96</sup> *Idem*, p.176.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 190.

realmente Heloísa é a autora das Cartas ou não, bem como, não existe possibilidade de perguntar se ao escrever as Cartas ela imitou Abelardo.

Já Charrier diz que a correspondência “forma um todo coerente. A inverossimilhança da primeira carta de Heloísa, da qual decorrem todas as outras, acarreta, portanto, a inverossimilhança da correspondência inteira”.<sup>98</sup> Gilson posiciona-se contra Charrier e de forma precisa diz que:

Se, portanto, a inverossimilhança dessa carta existe apenas no espírito de seus críticos, é preciso repetir o julgamento pronunciado contra a correspondência de Heloísa e Abelardo; já que ela não é apócrifa do início ao fim, é do início ao fim que ela é autêntica: assim o exige sua perfeita unidade.<sup>99</sup>

Na concepção de Charrier, em relação à Heloísa, esta adquiriu os hábitos de estilo de Abelardo, mas desse detalhe não se pode inferir que as Cartas foram escritas ou reescritas por Abelardo como afirmou Schmeidler. Gilson<sup>100</sup> afirma que Heloísa pode sim ter contraído o tique literário de Abelardo, já que tanto ela quanto ele faziam uso excessivo de certas fórmulas, tais como *tam... quam*, (tanto...quanto) por exemplo. Étienne Gilson questiona se por acaso não poderia ter sido Heloísa que escreveu as cartas de Abelardo e supõe:

[...] Heloísa morreu vinte anos depois de Abelardo: quem provará algum dia que, se ela não é a autora das cartas atribuídas a Abelardo, pelo menos, não a revisara com vistas à sua difusão? [...] pois enfim, se Abelardo tivesse preparado ele próprio essa coletânea tendo em vista assegurar sua própria glória, como teria escrito ou deixado as passagens tão duras de Heloísa, tão verdadeiras também, que desvendam o egoísmo, a crueldade, o orgulho levado à mais estúpida cegueira da qual deu provas várias vezes em todo o caso? Diz-se que ele quis colocar em evidência suas qualidades de diretor de consciência; mas o fato é que ele malogrou lamentavelmente. Jamais, em nenhuma de suas cartas, Heloísa admitiu que aceitava como justo o julgamento de Deus, que amava a Deus mais que a Abelardo e que era por Deus, não por Abelardo, que se impunha a expiação da vida monástica. Heloísa acabou por calar-se, mas jamais cedeu. Eis também o que ela quer que se saiba, e é para fazer com que saibamos que compôs essa coletânea de cartas tal como a lemos hoje<sup>101</sup>.

E conclui afirmando que várias hipóteses foram levantadas sobre a autenticidade das Cartas, porém a “mais convincente e a mais sábia de todas consiste em ainda supor que

---

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> Ibidem.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 191.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 195.

Heloísa seja a autora das cartas de Heloísa, Abelardo, o autor das cartas de Abelardo, e Heloísa, a provável editora do conjunto da coletânea”.<sup>102</sup>

Portanto, a discussão sobre este assunto já foi longa e aprofundada e já está suprimida<sup>103</sup>. Assim, pensamos que se a Correspondência é autêntica ou não, o que importa é ler e entender os momentos felizes e infelizes de Abelardo e Heloísa e ver o quanto essa história de amor foi muito bela e que dela podemos retirar algumas lições.

---

<sup>102</sup> Ibidem, p.196

<sup>103</sup> Cf. Vilela, 1986, p.42.

### 3 A TRANSFORMAÇÃO DO AMOR DE ABELARDO E HELOÍSA

Neste tópico buscaremos mostrar, através das Cartas, as diferenças e/ou mudanças do amor de Abelardo e de Heloísa. Antes de descrever esses sentimentos, falaremos em algumas linhas um pouco sobre Heloísa, visto que pouco se fala acerca de Heloísa. Ela apenas é citada pelo fato de ter sido amante de Abelardo. Assim, notamos que as Cartas deixadas pelos amantes nos permitem ter um conhecimento, mesmo que minimamente, sobre Heloísa e de seu drama particular ocasionado pelo envolvimento amoroso com Pedro Abelardo.

#### 3.1 Heloísa (1101-1164)

Sobre a vida de Heloísa antes de conhecer Abelardo, pouco se sabe ao certo. O máximo que se conhece é que Heloísa era de família humilde, era uma jovem bonita, letrada, culta e sábia, e admirada em toda a França. Além disso, com sua pouca idade tornou-se aluna e se envolveu amorosamente com seu mestre, Pedro Abelardo. De acordo com Patrícia Rangel, Heloísa foi além de quase todos os indivíduos de seu tempo, dedicando-se à lógica, à física e à filosofia e mais tarde quando se tornou abadessa do mosteiro do Paraclete e ao estudar o Evangelho e os escritos dos grandes clérigos, Heloísa tornou-se uma filósofa completa<sup>104</sup>.

Estes detalhes da vida de Heloísa, que ela tinha uma boa reputação, que era culta e outros atributos, não são produtos da história, a prova disto é uma carta de Pedro, o Venerável, endereçada a Heloísa, posteriormente a morte de Abelardo, onde diz que:

Eu não havia entrado nos anos de minha mocidade, escreve ele, quando tua fama chegou ao meu conhecimento. Naquela ocasião, eu já ouvia falar desta extraordinária raridade: uma mulher vivendo no século inteiramente dedicada ao estudo das letras e da sabedoria... Quando o mundo inteiro oferece o triste espetáculo da mais deplorável apatia pelos estudos, e a sabedoria não sabe mais onde pôr os pés... tu te elevas acima de todas as mulheres e ultrapassas quase todos os homens<sup>105</sup>.

<sup>104</sup> **A abadessa infiel e o cavaleiro apóstata**, 2010, p.73. [pdf].

<sup>105</sup> "Necdum plene metas adolescentiae excesseram..., mihi fama innotuit. Audiebam tunc temporis, mulierem, licet necdum saeculi nexibus expeditam, litterariae scientiae, quod perrarum est, et Studio, licet saecularis, sapientiae summam operam dare ... Cumque ab his exercitiis detestanda desidia totus pene torpeat mundus, et ubi subsistere possit pés sapientiae ... tu illo offerendo studio tuo, et mulieres omnes evicisti, et pene viros universos superasti". Venerabilis, P. Epistola ad Heloissam: ML, t. 189, col.347. In: VILELA, Orlando. **O drama-Heloísa-Abelardo**, 1986, p.63-64.

No capítulo que nomeou *O mistério de Heloísa*, Étienne Gilson<sup>106</sup> destaca que Heloísa “é a grande amorosa de quem podemos dizer que encarna a essência pura, a ponto de ser isso e nada mais do que isso”. Diz ainda que ela “é a grande amorosa do estilo francês, com essa estranha avidez de justificação racional, ou sofisticada.”<sup>107</sup>

Assim, compreendemos que Heloísa foi uma mulher admirável e a frente de seu tempo, pois em uma época como a Idade Média, dominada pelos homens, onde a mulher não tinha outro papel a não ser da submissão, da obediência, além de encontra-se sob a dependência do pai e depois do esposo, Heloísa mostrou conhecimentos que poucas mulheres de sua época possuíam e que era um fato raro. Além disso, ela foi extremamente corajosa ao romper com a tradição e com a moral de seu século quando se envolveu ilicitamente com seu mestre Pedro Abelardo, indo, assim, contra o dogma do casamento e da virgindade, abdicando desta maneira seguir as regras a favor de seu desejo e que abriu espaço para todas as censuras e toda a punição que se possa conceber<sup>108</sup>.

### 3.2 Heloísa e o amor- paixão, Abelardo e o amor- divino

Muitos anos depois da separação e da entrada para a vida monástica, Abelardo e Heloísa ficaram sem se encontrar, só trocavam correspondência um com o outro. Quando soube que Heloísa tinha sido retirada do mosteiro de Argenteuil, Abelardo vem socorrê-la e fez com que Heloísa se tornasse a priora da abadia do Paraclete. Às vezes Abelardo ia visitá-la, mas para tratar de questões administrativas, e evitava se aproximar de Heloísa para fugir do falatório das pessoas mal-intencionadas.

Observamos que todas as expiações e as resignações que Heloísa sentiu quando se separou de Abelardo são descritas por ela nas Cartas que escreveu para ele. Isto acontece quando ela lê a carta que Abelardo escreveu para um amigo, a *Historia Calamitatum*, e sente-se, de certa forma, ofendida e “cheia de fel e absinto” (como ela mesma relata) e escreve a Abelardo suplicando que ele nunca a deixe de lhe pôr a par das tempestades pelas quais está passando e que ela e as irmãs são as únicas criaturas que lhes restam e, sendo assim, exigem participar dos sofrimentos e das alegrias de Abelardo<sup>109</sup>.

<sup>106</sup> **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.117.

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> Cf. RANGEL, Patrícia. **A abadessa infiel e o cavaleiro apóstata**, 2010, p.73.

<sup>109</sup> Cf. HELOÍSA, **Epístola I**, 2000, p.89-90. Lembramos que a tradução que utilizamos neste capítulo concerne ao conjunto das cartas: CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA. Apresentação de Paul Zumthor e Tradução de Luciana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2000, a *Historia Calamitatum* não será citada neste capítulo, portanto seguiremos esta ordem: *Epístola I*, de Heloísa a Abelardo; *Epístola II*, de Abelardo a Heloísa;

Conforme Gilson<sup>110</sup>, Heloísa se encontrava indignada com Abelardo por abandoná-la e com ciúmes por ele ter escrito a outro sobre suas desgraças e não a ela, que o amava tanto mais do que nunca, apesar de estarem separados um do outro pela desgraça, o coração de Heloísa permanecera o mesmo como outrora.

Abelardo responde à Carta de Heloísa se defendendo da acusação de negligência que ela lhe faz e diz que não escreveu cartas de consolo porque acreditava na sua sabedoria, pensando que tal socorro seria desnecessário e prometeu escrever a Heloísa oferecendo apoio doutrinal e instruções administrativas. Contudo, o que realmente Heloísa desejava de Abelardo naquele momento era a sua atenção que outrora ele a dera. No entanto, para Heloísa era difícil aceitar não ser mais o centro das preocupações nem do interesse de Abelardo, como também, ela não poderia aceitar que Abelardo quisesse, a todo custo, convencê-la de que não era mais a ele que deveria amar, mas sim a Cristo<sup>111</sup>.

Na verdade, o que Abelardo queria era persuadi-la a esquecer do passado, pois ela sempre remete ao passado, no presente, para falar do amor que ficou para atrás. Ela sempre lembra a ele os lugares e as horas mais ardentes: “os prazeres amorosos que juntos experimentamos têm para mim tanta doçura que não consigo detestá-los, nem mesmo expulsá-los de minha memória”.<sup>112</sup> Ao passo que ele fala no presente pensando no futuro, pois para ele o passado está morto.

[...] Os desígnios da Providência divina, pensei, são, naquilo que nos diz respeito, tão manifestos que todo amargor deve ser de uma vez por todas dissipado. Esse sentimento, que corrói pouco a pouco o próprio corpo e o espírito, é para ti tanto mais perigoso quanto mais aviltante, e mais injusto com relação a mim. [...] rejeita esse amargor, que só poderia me penalizar, e não te ajuda em nada a ganhar comigo a beatitude eterna. [...] Pede então ao Céu a virtude da piedade, quando não fosse para não te separares de mim que já me aproximo, como dizes de Deus.<sup>113</sup>

A paixão de Heloísa e a de Abelardo transformaram-se de forma dessemelhante. Pois quando Abelardo conheceu Heloísa, ele nutriu por ela o desejo concupiscente, ou o amor carnal: “tu sabes a que torpezas minha concupiscência desenfreada havia levado nossos corpos. Nem o pudor, nem o respeito de Deus me arrancavam, mesmo durante a Semana

---

*Epístola III*, de Heloísa a Abelardo; e *Epístola IV*, de Abelardo a Heloísa, mantendo-se, sequencialmente, o ano e a página da fonte citada acima.

<sup>110</sup> **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.93.

<sup>111</sup> Cf. ROCHA, Zeferino. **Paixão, violência e solidão**: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII. Recife: Editora Universitária UFPE, 1996, p.300. Disponível em: <http://books.google.com.br/books> Acesso em: 15 de Outubro de 2011.

<sup>112</sup> HELOÍSA, **Epístola III**, 2000, p.119.

<sup>113</sup> ABELARDO, **Epístola IV**, 2000, p. 136-137

Santa, mesmo no dia das maiores solenidades religiosas, do lamaçal em que eu rolava”.<sup>114</sup> Após os acontecimentos que antecederam a separação, os sentimentos de Abelardo por Heloísa transformaram-se em algo mais sublime, em um amor voltado para o divino, o amor que pode ser denominado de *Ágape*.

Segundo Rougemont “o amor divino é a origem de uma nova via, cujo ato criador se chama comunhão. E, para que haja uma comunhão real, é necessário haver dois sujeitos e que eles estejam presentes um para o outro: portanto, um seria para o outro o próximo”.<sup>115</sup> Quem seria o próximo para Abelardo a não ser Heloísa? Deduzimos isto pelo fato de Abelardo, ao responder a epístola IV de Heloísa, tentar convencê-la a buscar a Deus e não a ele. Solicita que ela o seguisse nesse caminho, pois é nessa busca de arrependimento, de reconhecer que errou em que a *caritas* se manifesta no outro, que se pode alcançar a felicidade eterna: “Segue-me antes nesse caminho, e dá mostras de uma generosidade tanto maior quanto uma felicidade mais completa nos espera ao termo da viagem! Não haverá doçura igual a de tentar a aventura juntos”.<sup>116</sup> E foi Heloísa a quem Abelardo procurou para tal desígnio, comprovando que ele nunca a esqueceu, que sempre a amou, mesmo que esse sentimento tenha se modificado depois que se separaram.

Já os sentimentos de Heloísa, depois de render-se por completo sem lutar, mesmo que acompanhada de hesitações e escrúpulos, permaneceram os mesmos. Ela ainda conservou o amor que tinha por Abelardo, um amor puro, desinteressado e se entregou ao amado atendendo todas as suas vontades, como uma serva que obedece ao seu senhor. Ela ainda conservava o amor-paixão por Abelardo, pois, às vezes, os movimentos do seu corpo traíam os pensamentos da sua alma e palavras reveladoras escapavam<sup>117</sup>.

[...] cegamente cumpri todas as tuas vontades, a ponto de, não podendo me decidir a te opor a menor resistência, ter a coragem de me perder a mim mesma, sob a tua ordem. Nem mais, por um efeito inacreditável, meu amor tornou-se tal delírio que se arrebatou, sem esperança de jamais recuperar o único objeto do seu desejo, no dia em que, para te obedecer, tomei o hábito e aceitei mudar de coração.<sup>118</sup>

Percebemos, assim, nesta passagem que o amor que Heloísa nutria por Abelardo era um amor ingênuo, destituído de valores, um tipo de amor que a tudo se submete. Ela foi capaz de sobrepujar os seus desejos mais ardentes em favor de Abelardo. Por amor a ele e não a Deus, ela tomou hábito religioso e atendeu todas as vontades de Abelardo, sem poder resisti-

<sup>114</sup> Idem, p.140

<sup>115</sup> **O amor e o Ocidente**, 1988, p.59.

<sup>116</sup> ABELARDO, Epístola IV, 2000, p. 137.

<sup>117</sup> Cf. HELOÍSA, Epístola III, 2000, p.119.

<sup>118</sup> Idem, Epístola I, 2000, p.94-95.

las, perdendo a si mesma. Ao aceitar a vida monástica como imposição de Abelardo, Heloísa provou que ele era o único ser a reinar sobre si, sobre sua alma. Confessando-lhe, assim, um amor supremo, acima de tudo e de Deus, a quem ela serve não por vontade própria, mas por obrigação a pedido de Abelardo. Assim, Heloísa escreve:

Em todos os estados a que a vida me conduziu, Deus o sabe, foi a ti, mais do que a ele, que temi ofender; foi a ti, mais do que a ele, que procurei agradar. Foi por tua ordem que tomei o hábito, não por vocação divina. Vê, então, que vida infeliz eu levo, miserável entre todas, arrastando um sacrifício sem valor e sem esperança de recompensa futura!<sup>119</sup>

Nesta passagem, podemos perceber a sublimação do amor carnal de Heloísa para o amor incondicional por Abelardo. Como também, percebemos que o fundamento de vida de Heloísa baseava-se em *nihil mihi reservavi*, “eu não reservei nada para mim”.<sup>120</sup> Esse amor desinteressado que Heloísa nutria por Abelardo era fundamentado na doutrina de Cícero *De amicitia* que ensinava “a natureza essencialmente da amizade”, cujo preceito versa que “todo fruto do amor verdadeiro se encontra no próprio amor” – *omnis ejus fructus in ipso amore est*.

Uma passagem da obra *De amicitia*, onde Cícero explica que é a virtude que concilia as amizades, pode ser aplicada a Heloísa como forma de ilustrar o amor desinteressado dela por Abelardo, quando Cícero diz que é na virtude que:

Reside a concordância geral de todas as coisas, a estabilidade, a constância: quando elevou e fez resplandecer sua luz, e depois percebeu e reconheceu a mesma luz em outrem, ela se aproxima dele e recebe, em recompensa, uma parte do brilho que vem do outro: no centro dessas interferências, passa a brilhar, seja a figura do amor, seja a figura da amizade. Ambas, com efeito, derivam do verbo amar; entretanto amar não é senão querer bem o ser que ama, sem que se trate de preencher uma falta ou de obter um benefício.<sup>121</sup>

Decerto, o amor que Heloísa sentiu por Abelardo foi um amor desinteressado, aquele que Aristóteles nomeou de *philia*, mas que no período medieval foi chamado de *amicitia*. Um amor que procura o bem do outro, sem esperar algo em troca. Ou seja, Heloísa não esperava que Abelardo retribuísse da mesma maneira o amor que ela sentia por ele, apenas o queria perto dela, pois desde que era sua amante, depois sua mulher, já o amava sem esperar alguma coisa dele. Mas o que Abelardo sentia por Heloísa, inicialmente, era apenas desejo, ou melhor, o que uniu Abelardo a Heloísa foi à concupiscência, e não a *amicitia* como

<sup>119</sup> Idem, **Epístola III**, 2000, p.121.

<sup>120</sup> Cf. GILSON, **Heloísa e Abelardo**, 2007, p.89.

<sup>121</sup> CÍCERO, Marco Túlio. Lélío, ou A amizade. In: \_\_\_\_\_ **Saber envelhecer e A amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010 (cap. XXVII, p.143).

foi descrita por Cícero, a afeição desinteressada que não espera de si nada além de si mesmo.<sup>122</sup>

Daí Heloísa chegar à conclusão de que Abelardo nunca a amou:

[...] Dize, se tu podes, ou antes direi eu, o que creio saber, aquilo de que todos suspeitam! Foi a concupiscência, mais que uma afeição verdadeira, que te ligou a mim, o gosto do prazer mais do que o amor. A partir do dia em que essas volúpias te foram arrebatadas, todas as ternuras que elas te inspiraram se esvaneceram.<sup>123</sup>

Abelardo confirma as palavras de Heloísa dizendo que “não há amor maior que dar sua vida por aqueles que se ama”. Abelardo, referindo-se a Jesus, continua “é ele que te amava verdadeiramente, e não eu. Meu amor, que nos arrastou a ambos no pecado, chamemo-lo de *concupiscentia*, não de amor. Eu aliviava em ti minhas miseráveis paixões: eis tudo que eu amava!”<sup>124</sup>

Este sentimento que Abelardo outrora sentira por Heloísa, a *concupiscentia*, ilustra o amor-paixão há tempo superado por ele:

Meu desejo de ti tinha tamanho ardor que esses miseráveis e obscenos prazeres (hoje não ousa mais nem mencioná-los) passavam para mim à frente de Deus, à frente de mim mesmo. [...] Os hereges, ao contrário, e os hipócritas afetam à face do mundo uma vã mortificação e uma humildade de que contam tirar vantagens terrestres [...] Essas pessoas não são as mais miseráveis das criaturas, frustrando-se a si próprias quanto aos bens desta vida, e sem esperança de recompensa eterna?<sup>125</sup>

Deste modo, ele procura convencer Heloísa que seus sentimentos não são mais os mesmos para com ela, chegando até a chamá-la de injusta por não amar a equidade e mais ainda injusta por se opor cientemente à vontade benéfica de Deus. Pedindo que ela chore por seu Salvador e não por seu corruptor; por seu Redentor e não pelo autor da sua mancha e suplica a Heloísa que tenha cautela para que não lhe possa ser aplicado, para sua vergonha, os versos que Pompeu, em sua aflição, diz a Cornélia: *Depois da batalha, o Grande Pompeu ainda vive. Mas sua fortuna pereceu: o que tu choras, então é isso que amavas!*<sup>126</sup>

Abelardo quer dizer, entre outras coisas, que Heloísa deveria ter prudência no que falava, pois poderiam pensar, até ele mesmo, que ela não o amava, apenas amava o que ele lhe proporcionou outrora, a satisfação sexual. É preciso lembrar que Heloísa era ainda muito jovem e este sentimento ainda lhe inflamava o corpo, pois como ela mesma se acusa:

<sup>122</sup> Cf. GILSON, 2007, p.94.

<sup>123</sup> HELOÍSA, *Epístola I*, 2000, p. 98.

<sup>124</sup> ABELARDO, *Epístola IV*, 2000, p.147.

<sup>125</sup> Idem, p. 140 - 129.

<sup>126</sup> Idem, p.147-148.

[...] eu ardo de todas as chamas que ataçam em mim os ardores da carne, as de uma juventude ainda muito sensível ao prazer, e a experiência das mais deliciosas volúpias. Suas mordidas me são tanto mais cruéis quanto mais fraca é a natureza que lhes é entregue.<sup>127</sup>

De acordo com Gilson, se Heloísa desejava o amor puro, ela deveria ter buscado esse amor na figura de Jesus Cristo, cujo amor é puro e humilde e não em Abelardo. É o que o filósofo busca provar para Heloísa, replicando cada ponto de seus argumentos que lhes são dirigidos. Se ela procura um amor desinteressado que busque no Cristo que a amava por ela mesma: “é ele o amante verdadeiro, que só deseja a ti, e não aquilo que te pertence”.<sup>128</sup> Assim, “Jesus Cristo é de Heloísa, já que ela se tornou sua esposa, mas Abelardo também é de Heloísa, já que eles são um só pelo casamento. Tudo o que é de Heloísa é de Abelardo, e de Jesus também”, conclui Gilson.<sup>129</sup>

Por fim, não podemos deixar de expor os argumentos de Heloísa sobre sua inocência, onde ela absolve-se a si mesma do pecado, mostrando-se não arrependida dos seus atos, já que considerava seu amor por Abelardo puro e desinteressado. Diz que nada consegue suscitar nela um arrependimento que seja capaz de abrandar a Deus. O acusa e o ofende por sua crueldade a respeito de Abelardo. Este admite que errou, mas ela não admite seu erro, apenas enfatiza que foi a causa da ruína dele, porém alegava ser inocente porque não era a sua intenção arruiná-lo, como Heloísa nos mostra nesta passagem:

Pequei gravemente, tu o sabes; entretanto, sou inocente. O crime está na intenção mais que no ato. A justiça pesa o sentimento, não o gesto. Mas quais foram minhas intenções com relação a ti, tu somente, que as experimentas, podes julgar. Submeto tudo a teu exame, abandono tudo ao teu testemunho.<sup>130</sup>

Neste sentido, Heloísa se defende afirmando que o pecado não está no ato, mas na intenção, para isso ela toma o conceito de pecado do próprio Abelardo desenvolvido na obra *Scito te ipsum*, onde ele faz a distinção entre vício e pecado. O vício significa inclinação para aquilo que estamos propensos a pecar, isto é, somos inclinados a consentir no que não convém, de modo a fazê-lo ou evitá-lo. A esse consentimento chamamos de pecado<sup>131</sup>. Em suma, para Deus não é o ato que conta para gerar a salvação ou a condenação. Pecar difere totalmente da inclinação para realizar o pecado. Assim, o que vale é a intenção e não o ato,

<sup>127</sup> Epístola III, 2000, p. 120.

<sup>128</sup> ABELARDO, **Epístola IV**, 2000, p.147.

<sup>129</sup> **Heloísa e Abelardo**, 2007, p. 113-114.

<sup>130</sup> **Epístola I**, 2000, p.98.

<sup>131</sup> ABELARDO, **Ethica seu Liber dictus Scito Te Ipsum**. Tradução do Prof. Dr. Maurílio José de Oliveira Camello. Departamento de Filosofia. Universidade de Brasília. Patrologiae Cursus Completus, Series latina, Tomus CLXXVIII. Parisiis, 1885. Col. 633-678.

este não possui valor moral. Esse pensamento de Abelardo tem origem “em uma interpretação dialética que ele fez de alguns textos de Santo Agostinho; aos olhos de Deus, somente a intenção importa, não o próprio ato ou suas conseqüências, pois nenhuma ação humana pode atingi-Lo ou prejudicá-Lo”<sup>132</sup>.

Neste sentido pensamos, juntamente com Rangel que:

A apropriação que Heloísa faz da moral da intenção a liberta desse fardo: o que transforma essas mulheres em culpadas é seu desejo de arruinar seus homens, ou seu consentimento. É isso que falta a Heloísa em sua contribuição à ruína de Abelardo: ela pode até ter se casado com ele, o que o conduziu à desgraça, mas não consentiu. Como é a intenção e não a conseqüência do ato que importa, Heloísa é inocente. Assim, ela inaugura também uma linhagem de inúmeras heroínas românticas condenadas a fazer o mal por amor, mas que devem ser desculpadas pelo mal que cometeram devido à pureza de seu sentimento.<sup>133</sup>

Portanto, a leitura das Cartas nos proporciona um mergulho nas diversas formas de o amor encarnar nestes dois amantes. O amor cortês, cuja característica é atingir a dama inacessível, em que a conquista desta acaba por tornar o amante em um poeta que passa a compor poemas de amor para enaltecer a amada. Assim, esse amor se fez carne em Abelardo, pois ao conquistar Heloísa, ele passa a compor versos de amor para ela. “Heloísa fica lisonjeada, como uma alta dama. Pequena jovem para quem o grande mundo cortês é o mundo da felicidade...”<sup>134</sup>. Mas o amor cortês não traz apenas alegrias, quando os amantes são descobertos começam as desgraças e a felicidade que outrora lhes pareciam doces tornam-se amargas como fel.

Destarte, a história de amor de Abelardo e Heloísa nos conduz a pensar o que de mais sublime ou de mais trágico pode acontecer a dois seres humanos que não movidos pelo amor, seja o amor - *Eros* ou o amor-*ágape*. Tenha sido Abelardo orgulhoso, abominável, inescrupuloso, que visava a sua reputação ou não, pouco importa, pois ele não mentiu, ele não negou em nenhum momento que fora isso tudo e também o que o fez aproximar-se de Heloísa: a luxúria. Estes fatos não podem ser negligenciados nem ignorados, pois fazem parte de um tipo de amor. Além disso, o que aconteceu entre ele e Heloísa não representou o fim de sua carreira como filósofo, teólogo e professor, muito pelo contrário, isto corroborou para que ele se elevasse mais ainda.

<sup>132</sup> Cf. RANGEL, Patrícia. **A abadessa infiel e o cavaleiro apóstata**, 2010/01, p.79.

<sup>133</sup> Ibidem, p. 79-80.

<sup>134</sup> ZUMTHOR, Paul. **Prefácio a Correspondência de Abelardo e Heloísa**, 2000, p.11.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história do pensamento, desde a antiguidade até os dias de hoje, o amor moveu os pensamentos e as invenções humanas, desde a arte até o campo da espiritualidade, da literatura e da poesia. Neste âmbito, a filosofia não poderia ficar de fora, ou seja, não fugiria ao deslumbramento de contemplar esse sentimento chamado amor, sentimento que dá formato e vida ao homem. Sendo assim, como vimos no decorrer deste trabalho, a Filosofia Antiga nos mostrou dois conceitos sobre o amor, opostos, mas de grande importância para nós: *Eros* e *Philia*.

Com Platão, em o *Banquete*, trabalhamos o conceito de *Eros*. Vimos que neste, sua concepção de amor platônico se deu através do personagem Sócrates. Este e seus interlocutores travam discussões sobre *Eros*, cada um diz o que é *Eros*, mas a relevância nos discursos sobre o amor é voltada toda para Sócrates. Assim, no pensamento platônico *Eros* é o amor ao Bem, à beleza e que é capaz de libertar o homem e o conduzir à verdade.

Já com Aristóteles, na obra *Ética a Nicômaco*, vimos o conceito de *philia* (amor/amizade), denominada por ele como um tipo de afeição que une as pessoas. A verdadeira *philia*, Aristóteles, só se dá entre iguais. É um tipo de amor desinteressado que sugere da reciprocidade e da afeição mútua, sempre preocupada com o bem estar do outro. Assim, tanto na amizade como no amor deverá existir entre as pessoas esse sentimento de reciprocidade e de desinteresse, pois quem ama de verdade e não é egoísta sempre almeja o bem do outro.

No pensamento Medieval, vimos que o amor na concepção agostiniana é tudo, e só ele possui a capacidade de explicar a vida da alma e a sua possibilidade de se elevar ao conhecimento do terceiro grau de vida espiritual, onde existe íntima ligação da alma com Deus. Para Agostinho, o amor consiste naquilo que conhecemos, pois não se pode amar o que não se conhece, porque é impossível amar o desconhecido. Ainda para Agostinho, só podemos amar a Deus, quando amamos o outro.

A concepção de amor de São Bernardo é que ele é uma disposição da nossa alma e para que o nosso amor evolua é necessário passar por etapas para se aperfeiçoar. Assim, São Bernardo instituiu quatro graus do amor. O primeiro consiste no amor a si mesmo, também chamado amor carnal que é uma necessidade que decorre da própria natureza humana, porque o homem não é exclusivamente espírito, mas também é corpo. O segundo grau do amor é quando o homem reconhece ser miserável e ao perceber que carece de Deus dá o primeiro passo no amor Dele. O terceiro grau é quando o homem passa a conhecer Deus e começa a

amá-Lo, visando o seu próprio bem e ama a Deus não mais por causa de si, mas por Ele mesmo. E no último grau do amor o homem ama a si mesmo só por causa de Deus.

Vimos que no século XII, época de Abelardo e Heloísa, surgiu uma cultura disseminada nas cortes medievais, trata-se do amor cortês. Um tipo de amor inacessível, que possuía um caráter educativo. Assim, o amor cortês era permeado de aventura e por códigos secretos, além da discrição do cavaleiro. A característica do amor cortês é a obediência e a lealdade do homem à dama.

Vimos também que o casamento no período medieval tinha um caráter singular. No casamento era vedado ao marido e a esposa se darem o luxo de sentirem prazeres sensuais. Como sabemos, o casamento foi estabelecido pela Igreja como forma de impedir que os homens e as mulheres sentissem os prazeres da carne, ou seja, a função do casamento era somente para a procriação, para a perpetuação da espécie.

No segundo tópico, realizamos uma reflexão sobre a *Historia Calamitatum* e sobre a autenticidade da Correspondência de Abelardo e Heloísa. *Historia Calamitatum* é uma obra autobiográfica, nela Abelardo relata sua vida desde o lugar que nasceu até a entrada de Heloísa em sua vida. Cada relato que Abelardo fez, nesta obra, mostrou-nos uma figura bastante angustiada pela vida que levava depois que conheceu Heloísa. Uma série de infortúnios e perseguições ocorreu a este ser privilegiado intelectualmente. Foi mestre de Filosofia e Teologia, além disso, foi poeta. Escreveu versos de amor para louvar Heloísa, sua aluna, sábia, letrada e bela, configurando nesse encontro o arrebatamento intelectual e o sensual. Separados, unidos por um casamento secreto e de novo separados em função da entrada de Heloísa na vida monástica, imposta por Abelardo.

Assim, vimos que após a separação ambos passaram a se corresponder por meio de cartas. Estas cartas foram motivos de discussões sobre a sua autenticidade, alguns autores tentaram provar que elas não eram autênticas. Mas elas estão aí, autênticas ou não, tomadas em conjunto se constituem, podemos dizer assim, em um diálogo filosófico sobre todos os graus do amor, sobre o casamento e a espiritualidade.

No último tópico, falamos sobre as evoluções do amor de Abelardo e Heloísa e dedicamos algumas linhas a Heloísa para mostrarmos o quanto ela foi uma mulher a frente do seu tempo, destinada a amar, a sofrer tudo em prol de Abelardo. Percebemos que Heloísa tinha uma personalidade muito forte, nada a fez desistir do homem que amava. Por amor a Abelardo, aceitou esposá-lo, aceitou entrar na vida monástica, enfim, só viveu para ele e por ele, e jamais se arrependeu do que fez na vida, a não ser lamentar a ruína de Abelardo.

Portanto, vimos que Abelardo quando conheceu Heloísa foi tomado por um sentimento avassalador. Aproximou-se de Heloísa com a intenção de cortejá-la e depois tê-la só para si, vemos aí amor o cortês se encarnar em Abelardo. Depois o amor carnal por Heloísa transformou-se em um amor mais sublime, um amor voltado para Deus. Os sentimentos de Heloísa por Abelardo sempre foram os mesmos desde o início até o fim, ela o amava com um amor desinteressado, puro. A sublimação do amor humano de Heloísa transformou-se no amor absoluto por Abelardo, tornando-o o seu único Deus.

Percebemos que a Correspondência de Abelardo e Heloísa deixa nas suas entrelinhas que o amor na Idade Média, diante do contexto vivenciado pelos personagens, não era apenas divino, mas também carnal.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

ABELARDO, Pedro. **A história das minhas calamidades**. Tradução do Prof. Dr. Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2005. (Os Pensadores)

**CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA**. Texto apresentado por Paul Zumthor. Tradução de Lúcia Santana Martins. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes 2000. (Coleção Gandhara).

### BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

ABBAGNANO, Nicola. Verbete Amor. In:\_\_\_\_\_. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007. [pdf]

ABELARDO, **Ethica seu Liber dictus Scito Te Ipsum**. Tradução do Prof. Dr. Maurílio José de Oliveira Camello. Departamento de Filosofia. Universidade de Brasília. Patrologiae Cursus Completus, Series latina, Tomus CLXXVIII. Parisiis, 1885. Col. 633-678.

AGOSTINO, Sant'. II maestro interiore. A cura di A. Trapè. Milano: Paoline, 1987, p.226-236. In: SCHOEPLIN, Maurizio. **O amor segundo os filósofos**, 2004, p.72.

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nassetti. 4ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2008. (Cap. VIII e IX). (Coleção A Obra Prima de Cada Autor).

BARROS, José D'Assunção. **Os trovadores Medievais e o amor cortês – reflexões historiográficas**. Revista Alétheia Estudos sobre Antiguidade e Medievo. Abril/Maio, 2008. Ano 1. V.1N. 1. [pdf]. Disponível em: <http://www.revistaaletheia.com/index.html> Acesso em 05 de Outubro de 2011.

BERNARDO DE CLARAVAL. **De diligendo Deo: “Deus há de ser amado”**. Tradução de Matteo Raschiatti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Série Clássicos da Espiritualidade).

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da Filosofia Cristã**. Tradução e nota introdutória de Raimundo Vier. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CÍCERO, Marco Túlio, 103-43 A.C.. Lélío, ou A Amizade. In:\_\_\_\_\_. **Saber envelhecer seguido de A Amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010. (Coleção L&PM POCKET).

COSTA, Ricardo da; COUTINHO, Priscilla Lauret. **Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da condição feminina na Idade Média**. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12. Mar del Plata: GIEM (Grupo de

Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP), diciembre de 2003, p. 4-28 (ISBN 987-544-029-9). [pdf]

DUBY, Georges. Do amor e do casamento. In: \_\_\_\_\_. **Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GILSON, Étienne. **Heloísa e Abelardo**. Tradução de Henrique Ré. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Filosofia na Idade Média**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Paidéia).

GOMES, Fr. Rogério. **O amor em Santo Agostinho, antes de sua conversão**. Artigo. [pdf].

KONSTAN, David. **A amizade no mundo clássico**. Tradução de Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

LANCELIN, Aude; LEMONNIER, Marie. **Os filósofos e o amor: de Sócrates a Simone de Beauvoir**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

PLATÃO. **O Banquete**. [pdf]. Disponível em: <http://www.livrosgratis.net/download/358/o-banquete--platao.html> Acesso em 29 de Agosto de 2011.

RANGEL, Patrícia. **A abadessa infiel e o cavaleiro apóstata**. Revista Estudos Hum(e)anos. ISSN 2177-1006 Número 0, 2010/01. [pdf]. Disponível em: <http://revista.estudoshumanos.com/a-abadessa-infiel-e-o-cavaleiro-apostata/> <Acesso em 12 de Outubro de 2011>

ROCHA, Zeferino. **Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII**. Recife: Editora Universitária UFPE, 1996, p.300. Disponível em: <http://books.google.com.br/books> Acesso em: 15 de Outubro de 2011.

ROSA, José Maria Silva. **A Transfiguração Espiritual do Amor Cortês em Bernardo de Claraval**. Coleção: Artigos LusoSofia. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2010, p.5. [pdf]

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro, RJ: EDITORA GUANABARA, 1988. [pdf].

SCHNEIDER, Paulo. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. [pdf] Disponível em: [http://www.mundofilosofico.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=26:conceitoamor&catid=3:filosofia&Itemid=2](http://www.mundofilosofico.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=26:conceitoamor&catid=3:filosofia&Itemid=2) <Acesso em 29 de Agosto de 2011>.

SCHOEPFLIN, Maurizio (ed.). **O amor segundo os filósofos**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

SILVA, Pedro Rodolfo Fernandes da. **As cartas de Abelardo e Heloísa: entre paixão e razão**. [pdf].

VENERABILIS, P. Epistola ad Heloissam: ML, t. 189, col.347. In: VILELA, Orlando. **O drama Heloísa-Abelardo**, 1986, p.63-64.

VILELA, Orlando. **O drama Heloísa – Abelardo**. v.13. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1986. (Coleção Ensaaios).

ZUMTHOR, Paul. Prefácio a Abelardo e Heloísa. IN: **CORRESPONDÊNCIA DE ABELARDO E HELOÍSA**. (Trad.) Luciana Martins. São Paulo: Martins Fontes, 2000.